

PERNAMBUCO

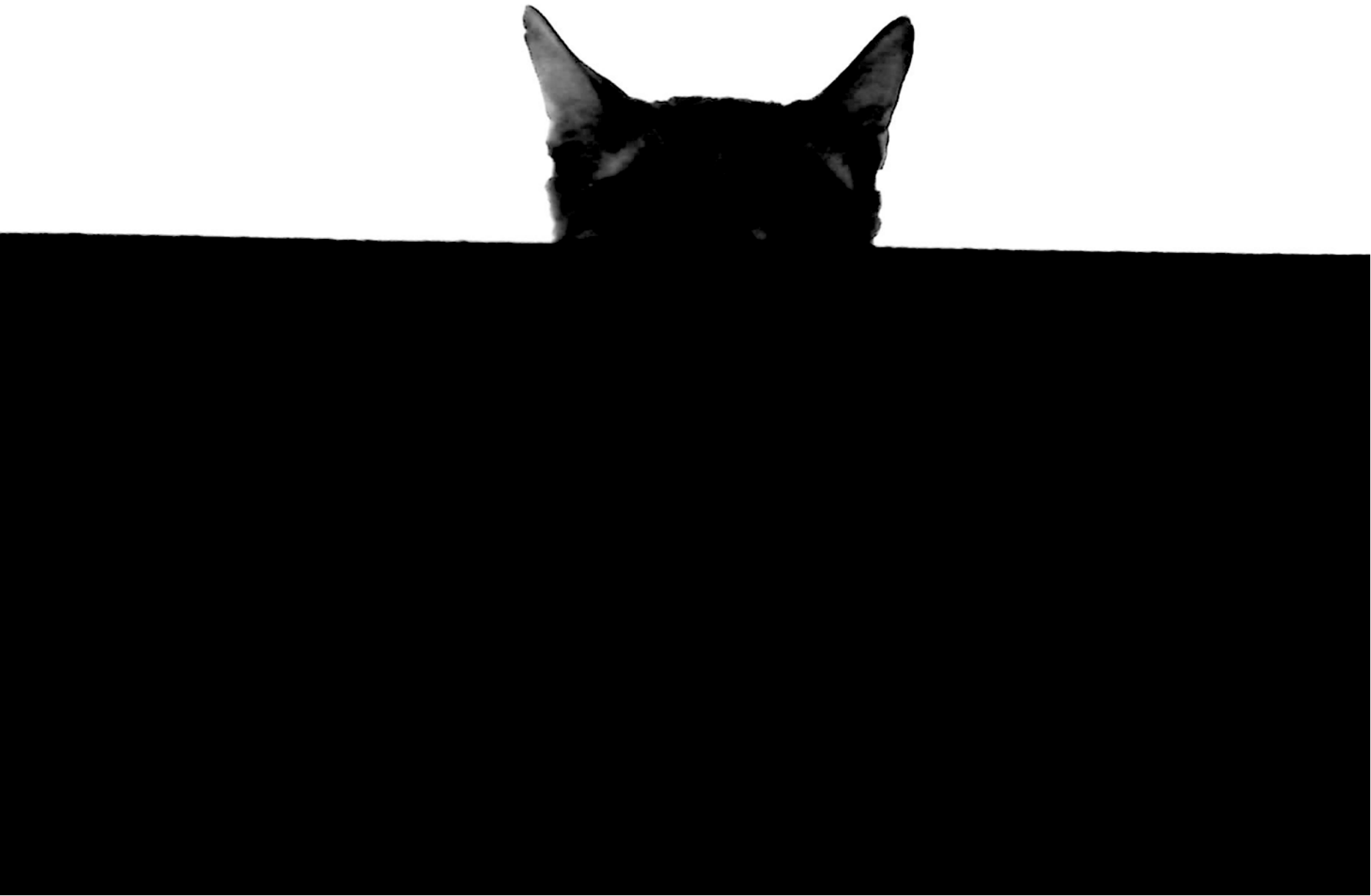
ESCREVER É DEDICAR

Os caminhos certos e incertos e a poética que a gente pode encontrar numa dedicatória

para você?

GUSTAVO GUSMÃO

GALERIA



THIAGO GUIMARÃES

“Essa foto é de uns quatro anos atrás, mais ou menos, quando eu comecei a brincar de ser fotógrafo com uma câmera digital amadora. Era um dia nublado, a luz do quintal favorecia e meu gato me observava muito curioso de cima do telhado, enquanto eu manuseava minha câmera que era do tamanho de um maço de cigarros. Foi um daqueles momentos. O gato não está mais vivo, mas a foto tá aí pra me lembrar desse dia.”

<http://www.about.me/thiagoguimaraes>

CARTA DO EDITOR

Há alguns meses, a repórter pernambucana, residente em São Paulo, Daniela Arrais sugeriu uma matéria para a gente sobre dedicatórias, sobre o afeto (e a falta dele, em alguns casos) que elas encerravam. Para esse texto, percorreu sebos, entrevistou escritores, leitores e descobriu “maldades” de famosos. Encontrou exemplares, novinhos em folha, de Fernanda Young e Daniel Galera dedicados a J.R. Duran num sebo, com os seguintes textos: “Duran, obrigada pela foto inteligente. Um grande retrato, para uma sempre inadequada escritora. Beijos, Fernanda Young” e “Para J.R. Duran, uma história de amor e perda. Um grande abraço, Daniel Galera”. Coitados dos dois autores...

O texto de Daniela seria uma matéria de apenas duas páginas, mas o universo que ela nos trouxe era tão curioso, tão rico, que acabou se tornando matéria de capa desta edição. Para recheiar a história, Raimundo Carrero escreveu uma crônica sobre o que vive e como sofre um autor na hora de criar essa ficção chamada “dedicatória”. “Alguns chegam a ditar o que querem ver escrito em seus livros: ‘Lembre a nossa amizade de muito tempo’, pedem uns; ‘Não esqueça que lhe ajudei’, implora outro, lançando mão da ficção que é a memória; ‘Fui

seu primeiro leitor’, se orgulham alguns, mesmo sabendo que é pura invenção; tem sempre alguém ditando que ‘Minha mãe lhe adorava’”, escreveu Carrero.

Samarone Lima começa nesta edição sua saga para entender Padre Daniel, poeta de 95 anos que escondia uma vasta e rica coleção de poemas, que só agora vieram a público, graças ao esforço dos seus amigos. Seu texto, cheio de suspense, passa a impressão de ser quase uma “crônica policial”.

O repórter Talles Colatino fez uma longa entrevista com Michel Laub, responsável por um dos livros mais elogiados deste ano, *Diário da queda*. O autor nos trouxe ponderações bastante curiosas sobre a relação que sua obra mantém com memória e ficção: “Você não pode fugir daquilo que é, ainda mais se for escritor, porque seus livros não terão valor se algo seu não estiver neles. Agora, esse ‘algo seu’ não é necessariamente sua história real”. Ainda nesta edição, duas ficções saborosas de Ivana Arruda Leite sobre o complicado que é a “etiqueta sentimental” e Joca Reiners Terron problematiza o olhar do leitor sobre o escritor como “personalidade”.

É isso, boa leitura e até junho!

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (Presidente)
Antônio Hermenegildo Portela
Lourival Holanda Barros
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas,
Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

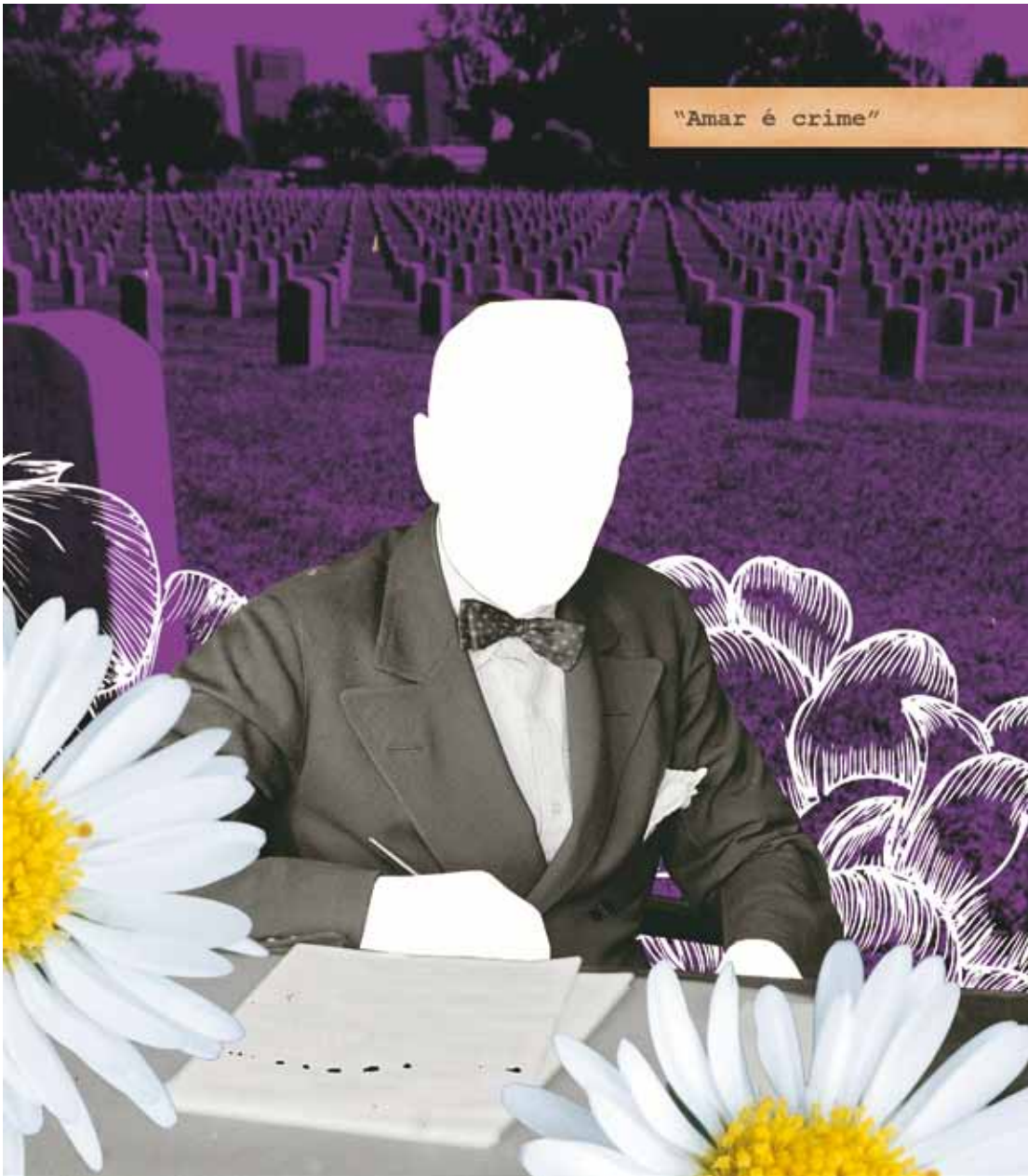

PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Daqui para frente, apenas obras póstumas

Prestes a lançar seu livro de contos em julho, de forma independente, um dos mais celebrados autores do país fala de como precisou morrer para continuar escrevendo

KARINA FREITAS



Marcelino Freire

É um livro póstumo.

Cristo! Rezo para que eu, aqui, no suplemento **Pernambuco**, não esteja sendo profético. Ave! Quero estar vivo quando ele for lançado, em julho deste ano. Mais vivo do que nunca!

Este meu novo livro de contos, intitulado *Amar é crime*, é um verdadeiro renascimento.

Minha morte nasceu no ano passado. Foi um ano difícil o de 2010. Perdi minha mãe, em maio. Perdi amigos queridos, escritores de cabeceira. Alguns heróis literários. Foi embora Roberto Piva. Alberto Guzik foi embora. Wilson Bueno, Glauco, o desenhista.

Pancada!

Nem sei como organizei a quinta edição da *Balada Literária*. Ao final dela, caí aos prantos e barrancos. Em dezembro, fugi. Fui para uma pousada de uma amiga.

Antes, deixei um recado na revista da *Folha de S. Paulo*. A revista me pediu um cartão de Natal. A pergunta era: para quem eu endereçaria uma mensagem? Mandei um *alô* para Chico Buarque, Edney Silvestre. Para o meu editor, da Record. Para a Companhia das Letras, para a Câmara Brasileira do Livro.

Putz! Tanta gente desaparecida em 2010 e os caras estavam discutindo outras perdas e ganhos. Quem ganhou, oh, quem perdeu o Jabuti. Meu maior ouro já havia sido sepultado, pô! Meu tesouro, repito: Maria do Carmo Freire. Minha mãe era a voz do meu trabalho etc.

Na pousada, descansando os miolos, e para sobreviver, fui organizando meus novos contos. E percebia neles um fôlego maior. Outros ganchos sonoros. Um começo de relacionamento. Aqui e ali, um fim de romance. Amor, morte, amor, morte. Violência também – porque ela ainda não acabou. Ela ainda dói. E doeu, eu escrevo.

Mas voltemos aos meus contos criminosos. Alguns deles, extremamente amorosos. Há, lá no livro, amores verdadeiros, histórias bonitas e vitoriosas. Mas que, às vezes, não conseguem tran-

quilidade para acontecer. O que é amor para um, é crime aos olhos do outro. Sempre tem alguém metendo a colher, o pontapé onde não foi chamado. E sempre tem alguém colocando o amor à venda. Lucrando com o coração das pessoas. Por exemplo: igreja, TV, cinema. Vive-se, diária e religiosamente, do comércio do amor. O amor mata mais do que o ódio – uma hora berra um personagem meu, no pé do ouvido do leitor.

Bem, mas qual título dar a este volume, meu amor?

Pensei em *Rebola*. Rebolou. Pensei em *O meu boy morreu*. Morreu. Até que, ouvindo uma música do Dorival Caymmi, cantada pela baiana Jussara Silveira, ela começa com uma vinheta, de domínio público, que ri e rima: “Você diz que amar é crime / Se amar é crime, eu não sei não / hei de amar a cor morena / com prazer, com prazer no coração”.

Que bonitinho! Tiro certeiro. É este o livro que eu quero, bati o martelo. Mas queria outra atitude para ele, suicida. Morrer junto com os meus personagens. Atentar-me.

Escrevi para os amigos da Editora Record, onde publiquei meus dois últimos livros. Profundamente agradecido, falei que gostaria de editar o *Amar é crime* quase “caseiramente”. Gostaria de dar um nó no status quo. Enforcar-me em outras árvores. Só. Daí a ideia de o livro sair publicado por um coletivo artístico chamado Edith, do qual participo desde o ano passado. Veja quanta gente boa e inédita está lá, botando para feder: visiteedith.com

Energia e alegria! Tudo isto tem me dado força e vigor. Meio que voltei ao batente. Voltei à época em que lançava, suavemente, meus trabalhos independentes. Livres do mercado, do vazio, dos prêmios, sei lá.

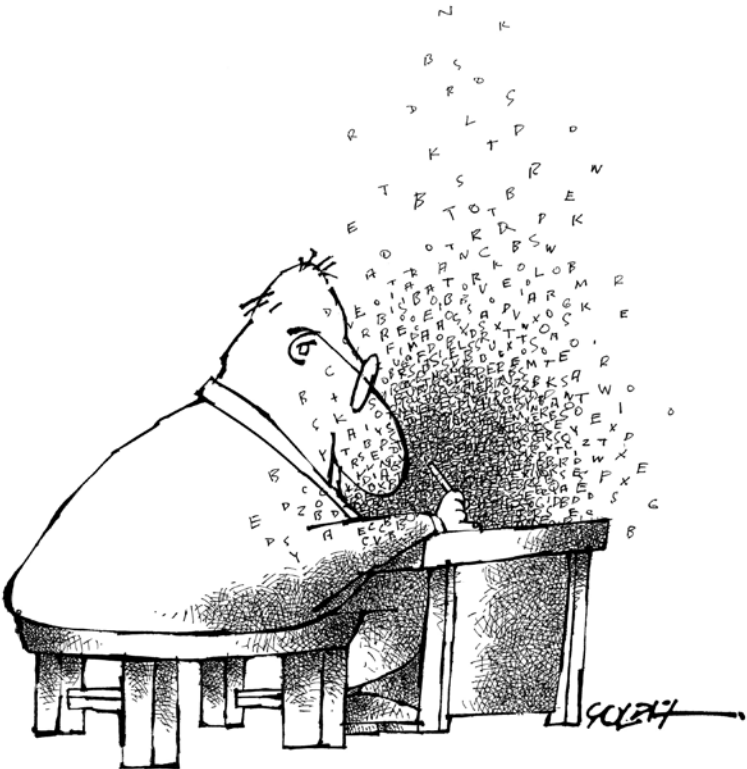
Gosto de não saber no que esta atitude apaixonada vai dar. Viver cada coisa a seu tempo – até quando a morte chegar.

Que não seja agora, não é?
Salve, salve, viva, amém e saravá!

Marcelino Freire é autor de *Cantos negreiros*, vencedor do Jabuti na categoria contos, e lança *Amar é crime* em julho.

CARTUNS

SOLDA
[HTTP://CARTUNISTASOLDA.BLOGSPOT.COM/](http://cartunistasolda.blogspot.com/)

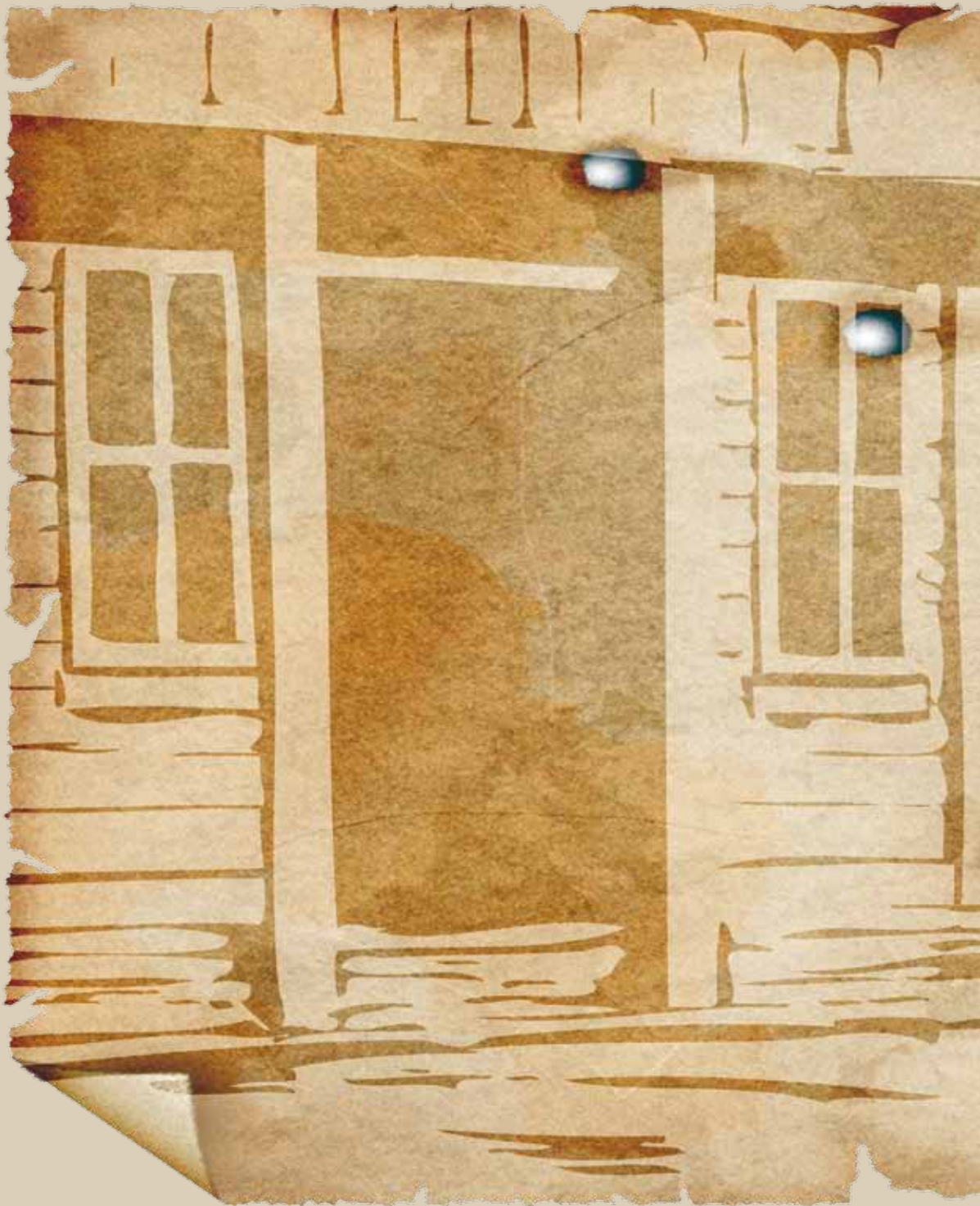


ARTIGO

A infância do leitor um dia terá de voltar

Os duelos necessários para que voltemos a acreditar que os livros são “feitos” sozinhos

Joca Reiners Terron



1. Quando se é criança pouco importa o autor do livro que se lê. Na maioria dos casos, uma criança ao ler nem mesmo sabe que o livro em suas mãos é resultado do trabalho de alguém. Para ela, o livro se escreveu sozinho e, quem sabe, seu texto surgiu na página somente naquele exato instante em que suas capas foram abertas e dois olhos bem arregalados caíram nele.

E o que aconteceria se a cada vez que abrissemos esse livro uma nova história surgisse estampada nas folhas em branco? É exatamente isso que uma criança pensa ao abrir um deles: é sempre o mesmo livro, só mudam as histórias.

E quem os teria escrito? Isto pouco importa. A única coisa que vale ao leitor são os personagens e seus dramas. Afinal, quem tem sangue nas veias (e às vezes fora delas, principalmente se houver tiros e explosões no enredo) é Taras Bulba, Huck Finn, Ahab, Dom Quixote e até a boneca Emília (que é de pano e em tese não deveria ter sangue – mas tem).

O autor?

Esse deve permanecer mais invisível que o Homem Invisível.

2. Mas o autor existe, e seu sangue é caudaloso o suficiente para as diversas transfusões realizadas nos personagens criados por ele ao longo da existência. Arthur Conan Doyle, por exemplo, cansou-se a tal ponto da escravidão à qual Sherlock Holmes o submetia que acabou (para grande insatisfação do público, diga-se de passagem, que pouco se lixava para os dilemas do autor) assassinando seu personagem mais popular. Depois, cansado de tanta vaia, Conan Doyle ressuscitou Holmes e ficou o resto da vida quietinho em seu canto, escrevendo aquilo que seus leitores gostavam de ler.

Mas isso faz muito tempo. Hoje em dia o autor aparece mais que o personagem. Palestras, programas de

televisão, revistas, jornais, festas literárias: em todos os lugares, lá está o autor. E o personagem, onde está? Babau, não existe mais. Morreu.

É uma época muito chata, esta em que vivemos. Por isto a infância atualmente anda tão curta. No tempo em que o personagem tinha mais importância que o autor é que era bom.

É necessário fazer alguma coisa para esse tempo voltar.

3. Para começar, nada de nome de autor nas capas dos livros. Nada de foto na orelha. Nada de nota biográfica no final do livro. Nada de autor dar entrevista no lançamento. Ninguém quer saber se os livros são escritos por alguém.

O passo seguinte é deixar de pagar os milhões de dólares que são pagos a todo autor. Chega disso, quem merece todo cuidado e atenção é o personagem. A partir de agora usaremos essa dinheirama para construir prisões onde os autores ficarão presos e calados sem querer opinar sobre tudo quanto é assunto. A partir de agora nada de confete para eles: só pão e água.

Noutros tempos, quando comiam só pão e água, é que eles criavam grandes personagens. Dostoiévski, por exemplo: com essa dieta magra, criou Raskólnikov. E o teria criado de barriga cheia? Claro que não! O autor deve estar famélico como aquele jovem escritor criado por Knut Hamsun (que, aliás, não inventaria personagem tão memorável se não estivesse em idênticas condições) em seu romance *Fome*.

Nesse livro, um rapaz vagueia pela cidade norueguesa de Chistiania em busca do que comer. Na perambulação, tem ideias as mais mirabolantes que mal e mal podem ser ouvidas pelo leitor, pois ficam ocultas sob o ronco de sua pança vazia. No final da história o jovem escritor embarca num cargueiro e desaparece.

Do mesmo modo, é necessário sumir com o autor.



HALLINA BELTRÃO



4. Estão terminantemente proibidas as ficções de caráter autobiográfico. Nada de autores explorarem seu cotidiano mesquinho. Nada do ramerrame de casamentos, traições e separações. Nada disso!

Livros de memórias, nem pensar. Que o Carlos Heitor Cony pare já de remexer no passado. E quem lá quer saber da realidade? Ninguém, ninguém. Parece que Salman Rushdie vem aí com suas lembranças da *fatwa*. Alguém, por favor, o impeça. Não queremos saber o que lhe aconteceu quando se escondia de fundamentalistas assassinos num canto qualquer do planeta. Isso não é problema nosso. A vida dos autores não tem a menor graça ou importância. Nada de verdadeiramente perigoso lhes acontece.

Quando o jovem escritor de Knut Hamsun deixa de remoer suas infelicidades e paranoias e embarca num cargueiro é que a aventura de verdade tem início. Mas aí o livro acaba.

É exatamente assim: o personagem começa onde o autor acaba.

Pois que venha logo o fim do autor.

5. E como impedir, digamos, que Luís Fernando Veríssimo e Chico Buarque venham a público mostrar suas caras horríveis que ninguém mais quer ver?

Primeiro, é necessário criar a Milícia Antiautor. Essa milícia deverá ser devidamente treinada e armada com bazucas lançadoras de tomates. Estará a postos na primeira fila a cada aparição do inimigo e disparará fatalmente suas frutas podres. Cada ataque será acompanhado do grito de guerra berrado em uníssono

MORRA O AUTOR!
VIVA O PERSONAGEM!

Só assim cada leitor poderá retornar à infância. Cobertos de tomates, Veríssimo, Chico e quem mais ousar aparecer em qualquer festa literária ou

bienal do livro (males que precisam ser urgentemente extintos), serão enviados incontinenti para a Sibéria dos autores.

Lá, com a bunda e as mãos congeladas, eles poderão escrever os livros que gostaríamos de ler.

6. Paulo Coelho será o grande bode expiatório. Para que sirva de exemplo aos jovens autores que se espelham nele e que desde cedo almejam escrever livros apenas para ficar famosos, Coelho deverá ser crucificado no alto do Gólgota.

Entretanto, fica o aviso: tudo deve ser realizado com máximo cuidado para que ele não se torne um mártir da causa e acabe fazendo ainda mais sucesso e venda outros tantos bilhões de livros. Não queremos um Jesus Coelho.

A partir daí, com os autores trabalhando arduamente nas prisões nos quintos dos infernos, grandes personagens ressurgirão. E a infância do leitor certamente há de voltar.

Com isto, a Literatura vai renascer e voltaremos todos a ser crianças.

Mas não sejamos tão drásticos.
Não queremos ser acusados de radicais.
Mas não mesmo.

7. Os autores poderão continuar ocupando seus papéis de protagonistas na ficção contemporânea se aceitarem a seguinte condição: em vez de prosseguirem com suas palestras sem sal em festas literárias por aí, terão de realizar ações dignas de grandes personagens.

Conduzir diligências em chamadas perseguidas por apaches igualmente flamejantes, por exemplo. Ou então dar a volta ao mundo em 80 dias num balão. Tomar poções mágicas que os transformem em monstros. Assassinar velhinhas. Seguir o rastro

de uma poeta desaparecida no deserto de Sonora. Comandar safáris na África em busca das minas do rei Salomão.

Coisas assim.

Neste mundo de livros sem autores, apenas Ernest Hemingway poderia permanecer como sempre foi: um personagem bom pra diacho.

A extinção do autor autobiográfico começa quando eles se tornam grandes personagens e o caubói Chico Kid Buarque chega ao vilarejo sulista de Gayport em busca do malvado pistoleiro Louie Veríssimo, cujo nome superlativo indica sua extrema velocidade ao sacar o revólver.

8. Chico Kid é daqueles caubóis sedutores, com olhos azuis e o queixo furado. Também é menestrel, e deixa um rastro de lindas mocinhas de nariz quebrado pelos caminhos que trilha. Elas suspiram tanto que seus narizes acabam se quebrando. No lombo de seu alazão, ele canta: “Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês”. O sotaque chiado de Chico Kid é de galã chique de novela chata das seis.

Louie Veríssimo é um bandidão. Como todo bandidão, ele gosta de jazz. Louie até tentou ter uma banda, mas não deu certo. Toda vez que os músicos erravam uma nota, acabavam levando um tiro. O único instrumento que Louie toca hoje é o seu Colt 45. Como passatempo, ele publica tirinhas no jornal da cidade.

Chico Kid chegou ao vilarejo. No final da rua, aguarda-o Louie Veríssimo e o sol, como a temer o que está por vir, começa a dar tchau detrás das montanhas. É a hora do duelo final.

Neste instante começa a grande aventura.

THE END

Joca Reiners Terron é autor de *Do fundo do poço se vê a lua*, entre outros.

ENTREVISTA
Michel Laub

É o escritor quem “escolhe” as suas próprias memórias

Autor de um dos livros mais elogiados deste ano, *Diário da queda*, o escritor gaúcho comenta como sua autobiografia se infiltra, ainda que às avessas, por tudo o que escreve

RENATO PARADA/ DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Talles Colatino**

Diário da queda trabalha com duas vias do principal ingrediente da ficção do seu autor, Michel Laub: a memória. O quinto e novo romance do escritor gaúcho nos coloca à frente de um narrador de origem judaica que, através das memórias de sua família, tenta interligar os pontos para compreender (ou seria formar?) sua própria identidade, esfacelada entre traumas e lembranças angustiantes. Alguns pontos da história do narrador se assemelham à vida do também descendente

de judeu Laub, que, assim como em seus romances anteriores, oferece ao leitor um jogo instigante entre Literatura e uma suposta autobiografia. Porém, mais que oferecer um incômodo causado por essa dúbia simulação da realidade, *Diário da queda* nos entrega uma ficção com a densidade exata para tratar de uma situação-limite: quando a necessidade de evocar memórias para reviver o passado se torna o próprio futuro. Sobre esse livro, seu universo temático, a relação entre Literatura e biografia e processo criativo, Michel Laub conversou com o **Pernambuco**.

Imagino que para um descendente de judeu, o universo da religião e da história parece estar sempre presente. E você sempre trabalhou com uma suposta memória em seus romances. Por que só agora resolveu tratar desse tema? O que te levou a ele nesse momento da sua trajetória literária? Não sou religioso e nem especialmente preocupado pelas questões culturais do judaísmo. Mas claro que isso faz parte da minha história, porque meus pais são judeus e estudei em escola judaica. Então, como sempre mexo com o tema da memória, isso em algum momento teria de aparecer.

Muitos detalhes da vida do protagonista do *Diário da queda* são idênticos aos seus. E é normal que muitos escritores tragam fragmentos da sua realidade para dentro da sua obra. Mas te incomoda o fato deste, como outros livros seus, ser confundido como uma espécie de relato autobiográfico? Aproveitando o tema, fale um pouco sobre a sua relação entre Literatura e biografia. Incomodava mais no início, e por isso eu disfarçava mais. No *Música anterior*, meu primeiro romance, fiz até um esforço para que o cenário não fosse Porto Alegre e as referências não fossem as minhas. Com o tempo fui percebendo que era bobagem. Você não pode fugir daquilo que é, ainda mais se for escritor, porque seus livros não terão valor se algo seu não estiver neles. Agora, esse “algo seu” não é necessariamente sua história real. Pode ser apenas sua inteligência, sua sensibilidade, seu carisma, cada escritor é de um jeito. No meu caso, como trabalho com a memória, usar algumas referências reais ajuda a convencer o leitor de que aquilo “aconteceu”, o que é bom para o livro. Mas isso é um jogo também, e disfarço muita coisa por meio dessa aparência de realidade. Sou eu que escolho o que quero que pareça autobiográfico. No geral, são as coisas menos importantes do livro.

No artigo *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*, o professor e crítico literário Márcio Seligmann-Silva afirma: “Narrar o trauma

“No meu caso, como trabalho com a memória, usar algumas referências reais ajuda a convencer o leitor

“Os grandes sentidos vêm depois (do livro pronto), e aí uma análise minha do que escrevi passa a ser equivalente à de um crítico

tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer”. Acredita ser esse o caso do protagonista de *Diário da queda*, na medida em que ele tenta, não necessariamente escrever, mas recompor, através das lembranças de seus traumas pessoais, sua trajetória? Dificil responder. Depois que o livro está pronto, muita coisa pode ser dita sobre ele. Essa frase cairia bem, sim, numa análise do meu livro. Mas durante a escrita o processo é outro, você se preocupa mesmo em levar a história adiante parágrafo a parágrafo, frase a frase. Os grandes sentidos vêm depois, e aí uma análise minha passa a ser equivalente à de um crítico – estamos olhando para algo pronto e tentando extrair sentidos dali. Se o escritor faz a operação inversa, isto é, decide o sentido antes e vai escrever depois, o risco de o livro ficar artificial é enorme.

Nesse sentido, para você, escrever é um ato de cura? Um desejo de renascimento? Não. Escrever é um trabalho como qualquer outro, com suas angústias e recompensas próprias. No máximo, vá lá, uma tentativa de expressão. Tenho um pouco de implicância com essas definições solenes.

A questão do trauma está muito presente em *Diário da queda*. São esses traumas (a queda de João, Auschwitz para o avô, a doença do pai) que vão desenhando a evolução da identidade do protagonista. Você acredita que são os resultados de situações-limites como essas que acabam construindo as bases

da identidade de um indivíduo? Em parte, sim, mas não é só isso. Um indivíduo é a soma de todas as experiências, das mais raras às mais banais. Isso é óbvio. Na Literatura, sim, é que fica mais interessante se concentrar nas raras.

Em determinado momento, o protagonista de *Diário da queda* se queixa da avó, ao afirmar que ela apenas dizia o óbvio e nunca o essencial acerca do avô. Em contrapartida, nada sobre a experiência em Auschwitz está presente nos cadernos deixados por ele. Acredita que o protagonista chegou, enfim, à essência daquele personagem, mesmo estando à margem do real impacto de uma experiência como essa? Não. O que ele faz é um retrato superficial do avô, e é justamente essa superficialidade que me interessa. Por meio dela é que são discutidas as questões mais importantes da história. Porque o avô é um mistério, e no rastro do mistério é que surge a angústia e a revolta do pai, que por sua vez são herdadas pelo narrador, e aí começa o romance.

O livro é escrito todo em fragmentos, o que alimenta a ideia de que estamos lendo de fato um diário. De que forma essa opção de escrever em fragmentos contribuiu para a narrativa? Para escrever foi mais fácil, porque pude abrir parágrafos novos quando achava que algum trecho precisava ser mais esmiuçado, coisas assim. Os tópicos com números têm a ver com a estrutura dos

capítulos, cujos títulos remetem a listas (“Algumas coisas que sei sobre o meu avô” etc.). Como sempre, depois de pronto o livro, ou ao menos bem adiantada a escrita, é que percebi que essa forma poderia ter a ver com a forma de um diário. Mais uma vez, porém, foi mais por acaso do que por intenção.

O contexto atual da Literatura brasileira é marcado por muitos contistas. *Diário da queda* é seu quinto livro publicado e seu quinto romance. O que te atrai tanto no romance? Pensa em publicar outro gênero? Comecei escrevendo contos, fiz isso por muito tempo e depois, não sei bem dizer por quê, parei. Não quer dizer que não vá praticar esse gênero no futuro (ou outros que me interessam, como o Teatro e o roteiro de cinema). O romance ou novela é interessante porque você não precisa tensionar a narrativa tanto quando num conto. Dá para botar uns trechos mais digressivos ali, umas descrições, umas cenas secundárias, o que, ao menos para mim, ajuda muito no ritmo da história. E você não fica tão dependente, como no conto, de escrever um final exato, coisas assim.

Seus romances também têm em comum o fato de serem curtos. Eles nascem naturalmente dessa forma ou você trabalha na intenção de sintetizar ao máximo a história que está contando? Existe um método, um cuidado específico, na criação de um romance curto? O *Diário da queda* não é tão curto. Na época da diagramação, o pessoal da Companhia das Letras e eu achamos que valia a pena

comprimir um pouco o conjunto, tirando páginas em branco no início dos capítulos e coisas assim. A tipologia também não é muito grande. Então, se fosse em outra editora, com outros padrões gráficos, seria um livro de duzentas e poucas páginas, o que é um tamanho ok de romance. Quanto aos outros livros, sim, eles são curtos. Isso talvez venha do fato de que prefiro me concentrar num drama só, sem construir personagens secundários e recursos do gênero, o que eu – como qualquer escritor com o mínimo de experiência – poderia fazer com facilidade. Nesse sentido, por falarem um drama só sem muita encheção de linguiça, acho esses livros até longos. Os narradores ficam esmiuçando uma única situação por 100 páginas, o que requer um tipo de fôlego, acho, equivalente os de escrever um livro de 400 páginas cheio de histórias paralelas.

No texto *A vida própria dos livros*, publicado recentemente no seu blog, você diz que um escritor pode ser surpreendido pelo seu próprio trabalho, já que “parte do processo de escrever um livro pode ser como uma sucessão de testes”. Analisando brevemente seus cinco romances, nesse sentido, qual te surpreendeu mais? Por quê? O segundo tempo eu achei que seria um livro de muito pouco interesse, por causa do ambiente específico do futebol gaúcho dos anos 1980, e acabou sendo meu livro mais aceito até aqui. Essa opinião geral, que me fez pensar no livro novamente e reler trechos aqui e ali, mudou minha percepção sobre ele. Acontece:

às vezes mudamos de opinião de acordo com os elogios ou as críticas que recebemos. Não há como um escritor ser infenso a isso, e muito menos isento sobre seu próprio trabalho.

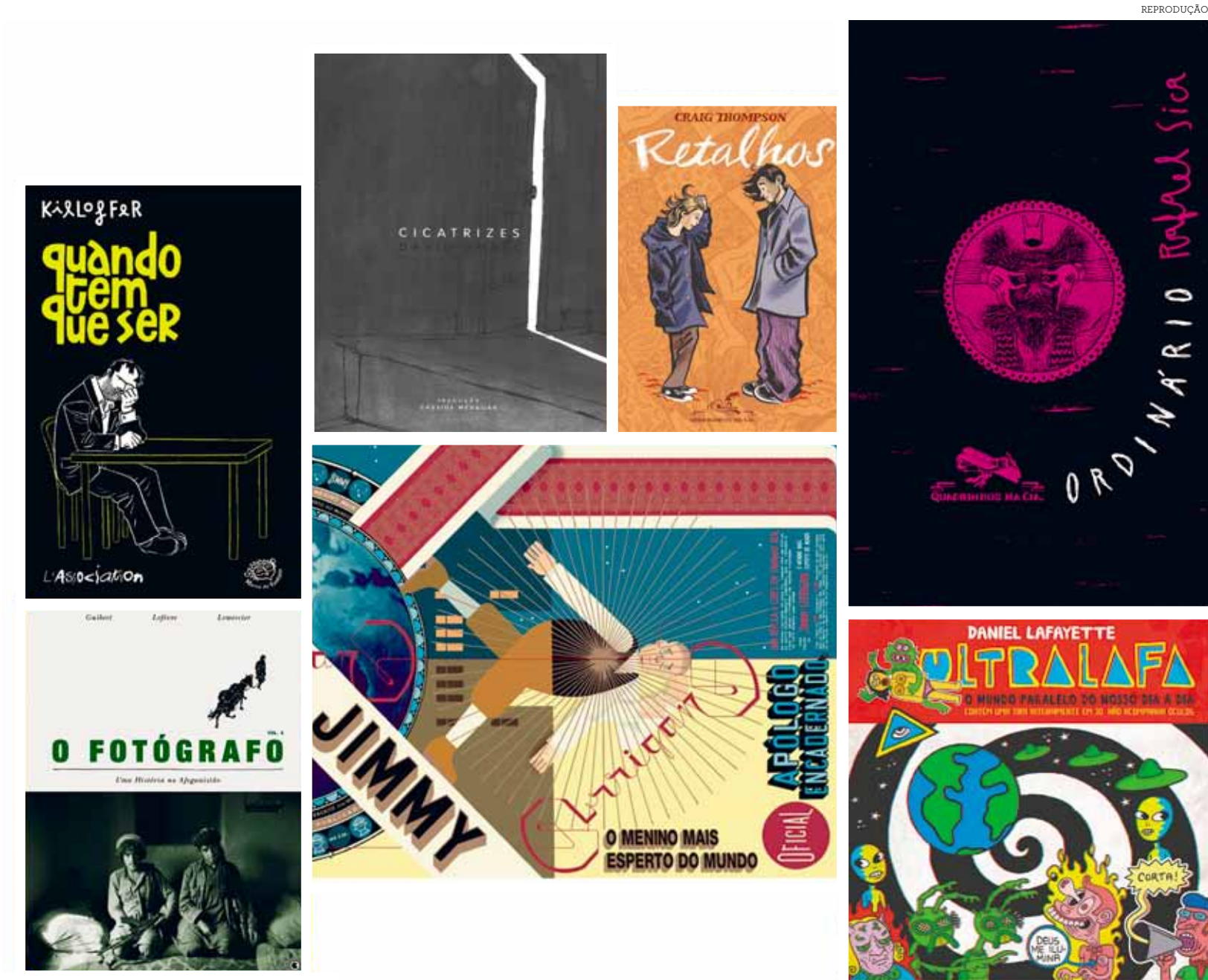
O que te chama atenção na produção contemporânea e de que forma você se enxerga inserido nela? A diversidade. Muita gente escrevendo sobre muitos temas, de muitas formas, com resultados muito diferentes. Me enxergo como alguém que gosta de contar histórias, algo de que nem todos os escritores gostam.

Você tem rituais de criação? Há uma rotina que gosta de respeitar na hora de escrever? Em cada livro muda, porque as circunstâncias mudam. Já escrevi dentro de redações, com barulho e tudo, por exemplo, e hoje não tenho mais esse ambiente porque trabalho em casa, no silêncio.

Em algum momento, durante ou depois do processo criativo, a Literatura exige de você um tempo de afastamento? Existe um período de “cansar” da Literatura? Para escrever, sim. Nunca comecei um livro novo, ou ao menos me dediquei seriamente a isso, antes de lançar e esperar a repercussão do livro anterior. É como se você precisasse se desintoxicar de tudo o que diga respeito a ele – a história, a linguagem, o tom, o ritmo. No meu caso, por escrever livros até um tanto parecidos entre si, esse distanciamento é ainda mais importante.

Talles Colatino é jornalista.

HQ



Quadrinhos: manual de sobrevivência

Diogo Guedes

Desde a sua massificação, as histórias em quadrinhos se sustentaram principalmente pela dupla presença em bancas de revistas e em cadernos culturais dos grandes jornais. As tirinhas, bastante populares, continuam mantendo sua importância, mas agora blogs e sites disputam espaço com os impressos; as bancas, local onde são vendidas a maioria das HQs, em números absolutos, vêm perdendo importância, pelo menos para quem acompanha notícias editoriais. As sagas de heróis da Marvel e da DC Comics, lançadas aqui pela Panini, são cada vez mais criticadas pela falta de criatividade e mesmice – não é à toa que os principais sucessos comerciais recentes são todos mangás. O

honroso caso de um gibi brasileiro bem-sucedido não foge dessa febre: o *Turma da Mônica jovem*, que traz os personagens clássicos para a estética oriental. As livrarias se tornaram o foco de atenção, se não da maioria do público, de uma parte respeitável deste e da vasta maioria da crítica. As *graphic novels* já são uma realidade editorial, mas os lançamentos vão bem além disso: as coletâneas de tiras de Rafael Sica (*Ordinário*, *Quadrinhos na Cia*) e Arnaldo Branco (*Mundinho animal*, *Leya/Barba Negra*) e a versão nacional da tradicional revista (em formato de livro) argentina *Fierro* (Zarabatana) são exemplos disso. As obras até servem como amostras do catálogo das principais editoras “de livrarias”, que, somadas à Conrad e à Devir, formam o panteão nacional da área.

Em meio a esse mercado que importa tanto sucessos comerciais como quadrinhos autorais consagrados e começa agora a dar mais atenção a autores brasileiros, algumas iniciativas ousadas passam despercebidas. É o caso da editora paraibana Marca de Fantasia (www.marcafantasia.com), criada em 1995 por Henrique Magalhães. Autor de quadrinhos e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ele cuida sozinho dos mais de 90 livros do seu catálogo e de 12 revistas e fanzines. “A criação da Marca de Fantasia foi um processo de amadurecimento de meu trabalho editorial por muitos anos. Desde cedo comecei a publicar revistas em quadrinhos com minha personagem Maria, de tiras políticas e humorísticas. De 1976 a 1984 saíram 10 números da revista e dois álbuns”, conta o editor. Du-

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

ENTREVISTAS

Coleção resgata o pensamento de intelectuais brasileiros através de conversas compiladas ou inéditas

Criada em 2007, a *Coleção Encontros*, da Azougue Editorial, já se consolidou. Traz entrevistas de grandes nomes da cultura brasileira, inéditas ou compiladas, mais uma cronologia do autor focado e uma introdução ao seu pensamento. A coletânea começou centrada em cientistas sociais como Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e Gilberto Freyre (foto), mas abriu o leque

para abrigar cineastas como Rogério Sganzerla e Eduardo Coutinho, músicos (Jorge Mautner), poetas (Vinícius de Moraes), artistas plásticos (Cildo Meireles), físicos (Mario Schenberg) e geógrafos (Milton Santos). Na pauta dos próximos lançamentos está o agitador cultural pernambucano Jomard Muniz de Britto. A coleção foi idealizada e é coordenada pelo editor da Azougue, Sergio Cohn.

DIVULGAÇÃO



A experiência da editora paraibana Marca de Fantasia exprime algumas das dicotomias do mercado de quadrinhos

rante os anos 1980, Henrique mergulhou no mundo dos fanzines, chegando a criar o *Marca de fantasia*, que virou o nome do novo empreendimento. “A ideia principal da editora era, e ainda é, divulgar os novos autores que tenham um trabalho personalizado, o resgate da obra dos mestres e os estudos sobre as múltiplas expressões dos Quadrinhos e da Cultura Pop”, aponta.

INDEPENDENTE

Para Henrique, poucas editoras brasileiras de quadrinhos de fato merecem a alcunha. “O que há é publicadoras de livros, que se apoiam nos grandes sucessos do mercado internacional”. A dicotomia entre quadrinhos de bancas e de livrarias – e entre grandes e pequenas editoras – é um dos problemas do mercado brasileiro para ele. “Os primeiros têm pouca inovação, buscam o lucro rápido e certo. Os segundos são mais criativos e renovadores, e são os que investem nos autores brasileiros. Sua produção se dá em forma de álbuns, mas, infelizmente, o alto custo e preço elevado restringem o acesso do público”, opina.

O modelo de gestão da Marca de Fantasia e de outros empreendimentos alternativos busca trabalhar nas lacunas das duas formas de distribuição. “Por fora, temos as editoras independentes, sem fins lucrativos, que produzem pequenas tiragens, mas que se permitem todo tipo de experimentação”, situa. A casa, segundo ele, alcança repercussão “pela instabilidade do mercado e pela falta de visão dos editores”.

Assim, muito além de coletâneas de tiras e *graphic novels* – mas sem deixar de incluí-las –, o catálogo da editora é voltado para dois nichos normalmente menosprezados pelas grandes da área, fundamentais para o que Henrique chama de caráter “independente por convicção” da editora. O primeiro remonta às suas origens. “Apesar de os fanzines terem um arrefecimento de sua produção, em parte pela ascensão da internet, eles continuam sendo editados, com uma visível melhoria gráfica e editorial”, defende, destacando a importância das publicações para o a circulação de ideias. Como exemplos, ele cita o *1º Anuário de fanzines, zines e publicações alternativas*, da Ugra Press, e o *Top! Top!*, da própria Marca de Fantasia, já no número 26.

No entanto, o carro-chefe do projeto é a segunda área, a de livros acadêmicos. A editora, ligada ao

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, tem dois selos para ensaios e artigos. “Temos a séries *Quiosque*, dirigida aos estudos sobre quadrinhos e animação, e a série *Veredas*, voltada aos estudos de Comunicação, Linguística e Cultura Pop”, define o quadrinista. “São os que mais saem”.

“O maior êxito de nossa editora são os livros teóricos, que têm servido de fundamentação para inúmeras pesquisas acadêmicas. O mercado desconsidera esse filão e nós investimos nele para atender à crescente demanda do público”, comemora Henrique. Para ele, trabalhos de conclusão de curso e outras produções acadêmicas são uma fonte extensa de bons estudos, prontos para serem publicados.

CATÁLOGO

Aberto ao recebimento de originais de autores, Henrique diz buscar a publicação de obras com “conteúdo crítico e reflexivo”, sem se interessar pelas que são “mero entretenimento”. “Quadrinhos humorísticos (tiras) e experimentais são muito bem-vindos, por enquadrarem-se no conceito de quadrinhos autorais. Para os livros teóricos, priorizamos os textos curtos, como ensaios”, avisa. Os envios, no entanto, demoram a ser lidos – ele é o único responsável e a quantidade de obras ultrapassa o tempo disponível para analisá-las.

Além de autores acadêmicos e iniciantes, a Marca de Fantasia conta com alguns nomes de bastante destaque no cenário nacional e mundial dos quadrinhos. O francês Patrice Killoffer, autor da elogiada obra experimental *676 aparições de Killoffer*, lançada pela parceria entre Leya e Barba Negra no começo do ano, é o nome mais célebre do catálogo. Seu livro *Quando tem que ser* é uma coletânea de histórias curtas do autor, publicada originalmente em 2006. Enquanto o livro da Leya foi bastante celebrado, até pela vinda do quadrinista para a Rio Comicon em 2010, o título da editora paraibana, sem o poderio de circulação do grupo português, foi pouco comentado.

Killoffer, assim todos os demais autores, veio para a Marca de Fantasia justamente por seu caráter independente. “Trabalhamos em parceria com os autores, que cedem seu trabalho e recebem 10% como direitos autorais em exemplares da publicação, na medida em que são produzidos”, explica Henrique. Além do francês, o editor cita Claire Bretécher, Sergio Mas, Cristian Mallea, Gonçalo Júnior, Shimamoto, Edgar Franco, Edgard Guimarães, Elmano Silva, Antônio Cedraz e Luiz Saidenberg como outros colaboradores de destaque: “Eles estão conosco por pura generosidade e companheirismo, mas por que também consideram importante a consolidação de um empreendimento editorial independente”.

Em abril, a editora lançou dois novo volumes: o quinto número da revista *Artlectos e Pós-Humanos*, de Edgar Franco, com quadrinhos poéticos; e a coletânea *GAG: o humor é o motor*, cujos autores foram selecionados por concurso. “Em maio, será lançado um álbum com o resgate da obra de Messias de Melo, um dos mestres dos quadrinhos brasileiros, e teremos nova edição do álbum *Guerra das ideias*, de Flávio Calazans”, antecipa. Os planos futuros ainda incluem facilitar a distribuição de suas edições. “Há um ano estamos implementando os livros eletrônicos, que darão mais agilidade à venda e envio dos livros”, finaliza.

LIVRO

Sites dedicados ao livro promovem a discussão

Proliferam na internet sites dedicados ao livro. Um deles é o portal *Clube do Livro*, que promove a leitura e discussão de obras, agregando, numa comunidade crítica, leitores dos mais diversos estados do país. Outro é *Amigos do Livro*, que contém uma bateria de informações: frases e pensamentos, debates sobre o livro eletrônico, notícias variadas e esclarecimentos sobre questões técnicas referentes a edição e direitos autorais.

PESQUISA

Universidade Federal Fluminense publica pesquisa que revela perfil socioeconômico das comunidades quilombolas

Para evitar recapturas, expulsão ou tomada de suas terras, os negros que formavam o que depois ficou conhecido como quilombos, procuravam se instalar em locais inóspitos e de difícil acesso. A consequência é que até hoje essas comunidades sofrem com a falta de infraestrutura, além de geralmente sobreviver da chamada economia de subsistência, ancorada na caça,

na pesca e na plantação de hortas. Pela primeira vez no Brasil, os pesquisadores André Brandão, Salete da Dalt e Victor Hugo Gouveia fizeram um levantamento das condições socioeconômicas destes locais, publicado no livro *Comunidades quilombolas no Brasil*, da Editora da UFF. Ao mesmo tempo que resgata uma população “invisível”, fornece subsídios para ações políticas.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

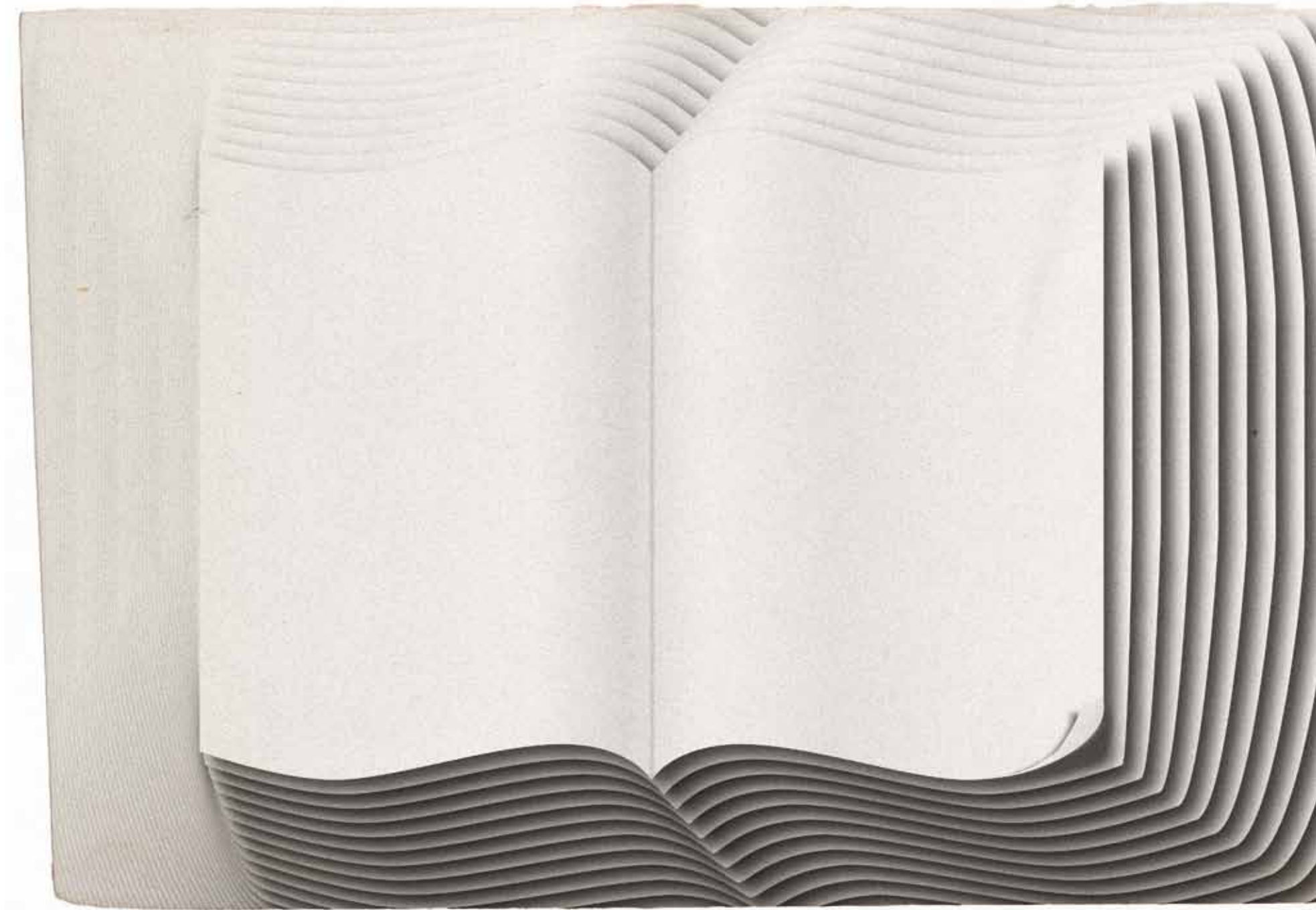
CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



CAPA



A ficção do “este livro é para você”

Uma dedicatória evoca tanta coisa que cria um novo livro dentro do livro

Daniela Arrais

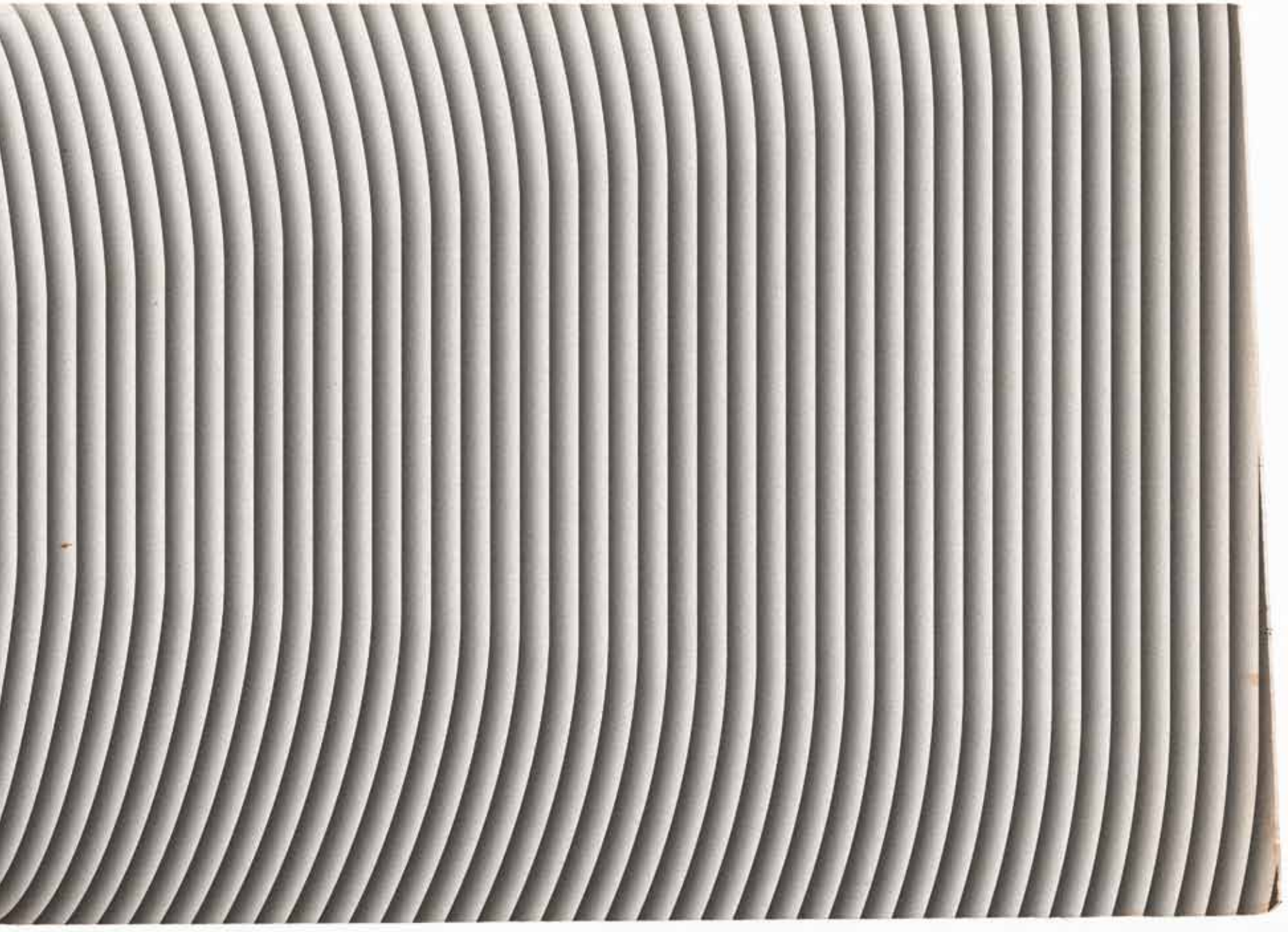
Nunca escrevi um livro, mas imagino a tristeza que seria autografá-lo numa noite e, tempos depois, descobri-lo intacto em um sebo, com meu carinho e minha assinatura e a quase certeza de que ele foi, apenas, folheado. Fernanda Young e Daniel Galera talvez sentissem essa tristeza, estivessem eles numa sexta-feira à tarde no Sebo Pinheiros, em São Paulo. Numa das primeiras páginas de *Aritmética*, da polêmica autora que posou nua outro dia, o fotógrafo J.R. Duran foi exaltado: “Duran, obrigada pela foto inteligente. Um grande retrato, para uma sempre inadequada escritora. Beijos, Fernanda Young.” Era 16 de abril de 2004, e, quase seis anos depois, sem riscos nem dobras, a obra repousava sobre um caixote de feira. Embaixo dele, constava um exemplar de *Até o dia em que o cão morreu*, do gaúcho Daniel Galera. “Para J.R. Duran, uma história de amor e perda. Um grande abraço, Daniel Galera”. Texto mais simples, que não demonstra uma relação maior entre o autor e o leitor. Mas, com ou sem apego, ambos os títulos foram parar nos fundos sem poeira de um sebo.

“Quando vejo dedicatórias, fico pensando: nossa, a pessoa comprou o livro, pegou um autógrafo e ago-

ra o vendeu por dois reais”, ri a simpática e solícita vendedora que tem um patrão com postura oposta à dela. Para evitar esse tipo de situação, jornalistas que cobrem literatura contam que o jornalista Elio Gaspari nunca autografa seus livros, mas sim um cartão, que é colocado dentro do exemplar. Consta que ele não quer correr o risco de constranger esse tipo de leitor (ou consumidor, apenas) que vai vender a publicação no sebo com o autógrafo.

Uma dedicatória evoca tanta coisa. O autor escolhe dedicar um livro a alguém – à família, ao grande amor, a outro autor que foi responsável pela sua própria descoberta. Em noites de autógrafos, este mesmo autor encara filas imensas (e dá graças a Deus, afinal ninguém quer um lançamento vazio), se desdobrando para criar frases que expressem alguma coisa de verdade. Outros se limitam a escrever um beijo, um abraço, formam a turma dos genéricos. Quem ganha livro de presente, às vezes encontra palavras de motivação, de agradecimento, de amor. Quem os ama de amor tátil, como disse Caetano em *Livros*, provavelmente enche as paredes de casa com um número cada vez maior de exemplares, muitos deles com palavras de carinho.

GUSTAVO GUSMÃO



Quem, por falta de espaço físico ou emocional, decide se livrar desses objetos fornece um material primoroso para quem os encontra em sebos, bibliotecas, terminais de ônibus.

No mesmo Sebo Pinheiros, um exemplar d’*A montanha mágica*, de Thomas Mann, guarda a inscrição: “A Renata, ‘um feitiço de simpatia’. Somos pouco visionários, talvez sabemos! O amor correrá e o beijo se disseminará célere de boca em boca”. Renata, tão querida, tão elogiada, precisava de uns trocados? Ou quis se livrar de uma história que não teve um final feliz? Em um exemplar de *A maior verdade do mundo*, de OG Mandino, José Luiz escreve para Liberty: “A felicidade não é um fim, mas um meio. Ninguém é feliz, para ser feliz, mas para fazer alguém feliz. Por tudo que você fez por mim neste ano. Por tudo que fizemos pela CEF. Muito obrigado”.

Foi por encontrar uma dedicatória que Shaun Raviv começou um grande projeto, o *Book Incriptions* (www.bookinscriptions.com), que reúne na internet achados de vários lugares do mundo. Ele estava em um bar em Manhattan, Nova York, em 2002, quando encontrou um exemplar de *The road to human destiny*, de Mary Lecomte du Noüy, onde estava escrito “Joey, eu te amo tanto! Você ultrapassou a definição para tudo. Eu sempre vou apreciar nossos momentos orgâsmicos (sic). Amor e resistência, Mark”.

“A dedicatória de Mark para Joey era tão forte que peguei o livro, que falava sobre um cientista na lista negra, e o li. Daí, alguns meses depois, eu estava numa loja de livros usados e encontrei outra dedicatória e pensei que seria um *hobby* divertido colecioná-las”, disse Raviv, em entrevista ao **Suplemento**. “Essas dedicatórias, que não devem ser confundidas com autógrafos de autores, são mensagem pessoais, escritas com caneta e foram dadas de presente. Algumas são tão pessoais que é quase impossível que elas tenham se separado de seus donos.”

O tipo de dedicatória mais comum que Shaun costuma encontrar é “Feliz Natal”, mas ele não fica com elas. “Fico apenas com aquelas que são diferentes. As mais valiosas para mim são aquelas tristes, que

só podem ter sido escritas por pessoas que estavam muito agoniadas na época.” Como a que foi escrita por uma Annie no livro *And spring shall come*, de Walley Dean. “Candle Light, um pensamento especial para um alguém especial, que me faz brilhar e sorrir e sempre traz o melhor de mim. Uma espécie de inspiração. P.S.: Estou esperando que tudo dê certo. Eu sou do tipo preocupada! Cuide-se, ok?”

Uma outra é ainda mais enigmática e foi encontrada em um catálogo do College de Vermont, datado de 1970-1971. “Querida mamãe, esta pode ser a última vez que vocês todos me veem e isso é porque Debbie é louca e, se eu ficar por perto mais algum tempo, estarei na mesma condição que ela.”

“Um dos motivos porque eu acho a maioria das dedicatórias tristes é porque elas foram presentes em algum ponto, e as palavras escritas ali soam tão pessoais... E mesmo assim os livros foram parar numa loja de livros usados, numa esquina, numa venda promocional de bibliotecas”, analisa Shaun, que gosta de escrever dedicatórias especiais, na esperança de que as pessoas que presenteia fiquem com os livros.

ENCONTROS

Algumas dedicatórias conseguem fazer com que a leitura de um livro comece antes mesmo da primeira página. Foi assim com a jornalista Larissa Brainer, que encontrou pequenas histórias de amor em livros aleatórios.

A primeira estava escrita num exemplar de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, que ela encontrou na casa dos pais, em uma pilha de livros que seriam jogados fora. “Lala, este é um dia comum como qualquer outro, mas com uma grande diferença, pois estamos juntos, aqui e agora. Vitória, 12/06/82, Rivo”.

“O de Gabo herdei de meu pai. Anos antes de eu nascer ele pegou emprestado com uma amiga e nunca devolveu. Encontrei na estante, empoeirado. A dedicatória de Dia dos Namorados fofa me fez ter mais vontade ainda de ler o livro. Fora a coincidência do apelido da dona, que também é o meu. Fico imaginando como pode ter sido especial aquele 12 de junho

de 1982 para minha xará. De vez em quando releio a dedicatória, para não deixar de lembrar que estar apaixonado faz parte do dia a dia também.”

A outra, escrita em *Zen e a arte da manutenção de motocicletas*, de Robert M. Pirsig, dizia: “Na verdade, eu comprei este livro para lermos juntos. Achei que você ia gostar do fato de podermos ler alguma coisa que tem a ver com os dois e discutir, etc. Mas agora o deixo com você; é para você, foi muito por você... Amor, Jô”.

“Alexandre, meu marido, comprou o livro pelo site *Estante Virtual* (www.estantevirtual.com.br), sem saber da existência da dedicatória. Quando o livro chegou, que ele leu, sentiu o baque. As palavras fazem a gente sentir a dor da despedida de quem escreveu essa dedicatória. E, ao mesmo tempo, me pergunto o que (todas as lembranças, emoções etc) levaria alguém a se desfazer de um livro com uma dedicatória assim.”

PRECIOSIDADES

Até que com frequência, Leandro Antoniasse, do Sebo Avalovara, encontra exemplares autografados pelos próprios autores. Dia desses achou um exemplar de *Visão do paraíso* autografado pelo autor Sérgio Buarque de Hollanda. “Era uma dedicatória simples, que dizia ‘um abraço cordial do amigo Sérgio’”, lembra.

O mineiro Carlos Drummond de Andrade é um dos campeões das dedicatórias. “Já ouvi histórias de que ele chegava a cobrar por algumas”, conta Antoniasse. Nas conversas com autores e frequentadores do sebo, o vendedor acabou descobrindo, também, que o dramaturgo Plínio Marcos fazia dedicatórias de acordo com seu público-alvo: “Para suas mulheres, amantes, musas, ele fazia textos imensos, às vezes incluía até uma poesia.” Outro que aproveitava o viés literário para um algo a mais era Jorge Amado. “Uma vez peguei um livro dedicado para uma certa Maria. Ele dizia que esperava que o livro chegasse à altura dela.”

O fetiche pelo autógrafo do autor transforma o sebo em parada estratégica para aqueles que querem tirar proveito da fama dos outros. “Um dia chegou um sujeito aqui querendo vender uma primeira edição de *Grande Sertão: Veredas*, supostamente autografada pelo

CAPA



Guimarães Rosa. Mas não era”, atesta Antoniassi – e ele sabia que não era porque já havia estudado todas as nuances da obra do autor e dele próprio durante as aulas no curso de Letras. “Quando falei que a assinatura não era do Guimarães, o sujeito ficou nervoso. Ele quis catapultar o preço e nem precisava, porque uma primeira edição já é valiosa.”

NA NOITE DE AUTÓGRAFOS

Para os autores, noites de lançamento de livro misturam prazer, ansiedade e dúvida sobre o que escrever para todas aquelas pessoas que formam a fila de cumprimentos.

“É sempre um momento tenso, mas também especial. O dedicado sempre espera ser tocado, e quem dedica sempre tenta ser tocante, em respeito e por afeto. Escrevo sempre o que sinto vontade de dizer na hora. Acho que o legal da dedicatória é falar banalidades, explorar o momento que aquilo está acontecendo porque a pessoa que guardar o livro vai lembrar com carinho depois. Se é amigo ou alguma pessoa íntima fica mais fácil, você pode usar as palavras e piadas particulares. Mas em regra geral o *nonsense* é sempre uma boa fonte de inspiração”, afirma a escritora Bruna Beber, autora de *A fila sem fim dos demônios descontentes* e *Balés*. “Se dedicar é um dom, acho que tem gente que não sabe escrever dedicatória e eu acho que sou uma delas. Ultimamente aprendi que você pode dedicar um livro escrevendo nele inteiro e não só no frontispício. Fica mais divertido.”

E as idas e vindas que um livro pode travar ao longo de sua vida útil, acabam gerando surpresas: “Outro dia aconteceu uma situação nova: eu reautografei um livro que já tinha autografado. Uma conhecida com-

prou meu primeiro livro num sebo e ele veio com a dedicatória da primeira compradora. Foi engraçado.”

Antes da noite de autógrafos, o autor enfrenta a decisão de dedicar seu novo livro a alguém, ou não. Bruna prefere não escolher alguém. Michel Laub, autor de *O segundo tempo* e *Longe da água*, fez isso apenas no seu primeiro livro. “Ali agradei à família, à minha namorada na época, a todos os meus amigos, aos cachorros etc. Depois não fiz mais por várias razões – algumas de ordem particular, mas em geral porque não sentia que o livro tinha algo a ver com alguma pessoa em especial, ou que sem alguma pessoa o livro não existiria. Mas, casualmente, estou lançando um livro agora no primeiro semestre e vou dedicá-lo ao meu pai, que morreu no ano passado.”

Na noites de autógrafo, Laub opta por dedicatórias – padrão. “Não tento ser engraçadinho improvisando frases espertas na hora (quando tento, fica meio patético). Em geral estou um pouco nervoso, então não arrisco muito e faço uma dedicatória padrão, tipo ‘para fulano, com um abraço do Michel’. A dedicatória é uma síntese, e nunca fui bom nesse tipo de coisa.”

Postura oposta tem o ilustrador Rafa Coutinho, que sempre tenta fazer alguma coisa especial em seus livros, como *Cachalote*, em parceria com Daniel Galera. “Lembro muito de como me sentia quando era mais novo e ia nos lançamentos dos meus ídolos. Acho um ritual muito forte, esse de encontrar cara à cara com o autor e trocar com ele alguma coisa. E pra nós, autores, é o momento em que você finalmente vai sentir a reação do leitor ou futuro leitor. É claro que nem sempre rola, depois de 500 livros, a fila começa a ficar impaciente. Mas sempre dá gosto de pensar em algo pessoal”, diz. “Procuro fazer algo pra cada

um. Pergunto se o cara já leu, se gostou de algum personagem em especial. E tem aquela coisa de ver a pessoa, sentir mesmo como ela está, tentar relaxar o sujeito também. Muita gente chega nervosa na hora do autógrafo, quer conversar um pouco. O autógrafo é uma desculpa pra gente se conhecer, acho.”

Se gosta do interlocutor, a escritora Ivana Arruda Leite, autora dos preciosos *Hotel Novo Mundo* e *Alameda Santos*, procura fazer uma dedicatória especial com alguma referência que lhe diga respeito. “Minhas dedicatórias são sempre exageradas e cheias de superlativos, principalmente depois do terceiro copo. Aí abundam beijos e amores pra todos. Agora, quando a fila está muito grande com pessoas que eu não conheço, depois de um tempo eu fico cansada e vai no automático.” Ela também costuma fazer dedicatória nos livros que dá de presente. “E o mais engraçado: assino com o nome do autor para aquela pessoa. Por exemplo: uma vez dei um livro do Amós Oz pra Andrea del Fuego e escrevi: ‘para Andrea, com meu respeito e admiração, deste seu fã Amós Oz’. Gosto de pensar no que significado que essas dedicatórias terão daqui a 100 anos.”

Mas Ivana não precisou esperar muito para saber o significado que uma dedicatória sua teve na vida de um leitor que foi ao lançamento do seu livro *Ao homem que não me quis*. “Quando o próprio chegou no lançamento e colocou o livro na minha frente, eu escrevi: ‘Este livro é pra você. Um beijo, Ivana’.” Na época, o homem em questão era casado, mas Ivana soube o que ele acabou fazendo com seu livro. “Ele arrancou a página da dedicatória para a mulher não ler e guarda o livro com ele até hoje. A mulher *dançou* logo depois.”

Daniela Arrais é jornalista.

GUSTAVO GUSMÃO



Dedicatórias deviam ser livres de arrependimentos

Raimundo Carrero

Comigo é simples: dedico todos os livros que escrevo para minha mulher, Marilena, meus filhos e meus netos. Sei que eles nunca vão me abandonar. Dedicatórias deviam ser livres de arrependimento. Você pensa naquela pessoa, a agradece por tudo o que passou, projeta um futuro e pronto: é para sempre. Devia ser para sempre. É claro que, como tudo na vida, há riscos no caminho. Viver é encruzilhada. Sei disso, porém, neles confio. Mas nem sempre a gente pode confiar. Nem toda dedicatória é feita para ser perene, como uma tatuagem, um escrito da pele. Há aquelas que são de um minuto, de uma tarde ou noite de autógrafos. Essas aí são uma espécie de ficção antecipando a própria ficção. A gente cria um elo com um desconhecido, tal qual criamos o personagem para caber no enredo do romance.

Conheço pessoas que não se importam com o livro, só com a dedicatória. São leitores de um jeito todo particular. Esses leitores não querem ler a história, saber o destino dos personagens, nada disso. O importante é ter o nome ao lado de “um abraço”, “um beijo” ou, melhor (muito melhor), num texto mais longo forjando algum tipo de relação. Ainda falam tanto dessa história de morte do autor, mas ele tem de estar vivo,

vivíssimo, na hora de dedicar. Queria muito saber o que Roland Barthes diria disso...

Tarde ou noite de lançamento é hora de encontrar os leitores de dedicatórias. Eles chegam como quem não quer nada, carregam um copo de vinho de forma inocente, andam de lá para cá, dão goles, reviram os olhos e, impacientes, olham o relógio. Alguns até conversam. Mas tudo é encenação. Eles sabem o que querem e farão de tudo para conseguir. Até que a última caneta seque, irão tirar o máximo daquilo que deveria ser simples – um autógrafo. Mas não é tão simples assim. Cada pessoa que se aproxima quer um autógrafo insólito, um beijo e um abraço nunca são suficientes. E o escritor, que já teve de criar assunto para escrever um livro inteiro, tem de esticar conversa e, pior, encontrar algum motivo para que a pessoa se sinta “dona” (para não dizer personagem) do livro que está comprando. Os leitores de dedicatória são quase uma confraria secreta, que faz girar o negócio do livro.

Alguns deles chegam a ditar o que querem ver escrito em seus livros: “Lembre a nossa amizade de muito tempo”, pedem uns; “Não esqueça que lhe ajudei”, implora outro, lançando mão da ficção que é a memória; “Fui seu primeiro leitor”, se orgulham alguns, mesmo sabendo que é pura invenção; tem sempre alguém ditando que “Minha

mãe lhe adorava”; há quem remeta ainda a paixões imemoráveis: “minha irmã foi sua primeira namorada”, quando ela foi só um das meninas do bairro que nunca negaram um escurinho. E o escritor já não sabe mais o que fazer com tanta demanda... A ficção continua na noite de autógrafos, embora o miolo do livro seja bem mais interessante. Para não passar vexame, resolvi simplificar – homens, um abraço, e para mulheres, um beijo. “Assim, simples demais?” – perguntam alguns, incomodados. “É, não compromete ninguém”, respondo. “Você tem medo de escrever dedicatórias longas?”. “Não, é só precaução”. Ainda assim, há quem insista: “Só saio daqui quando tiver um autógrafo pessoal”.

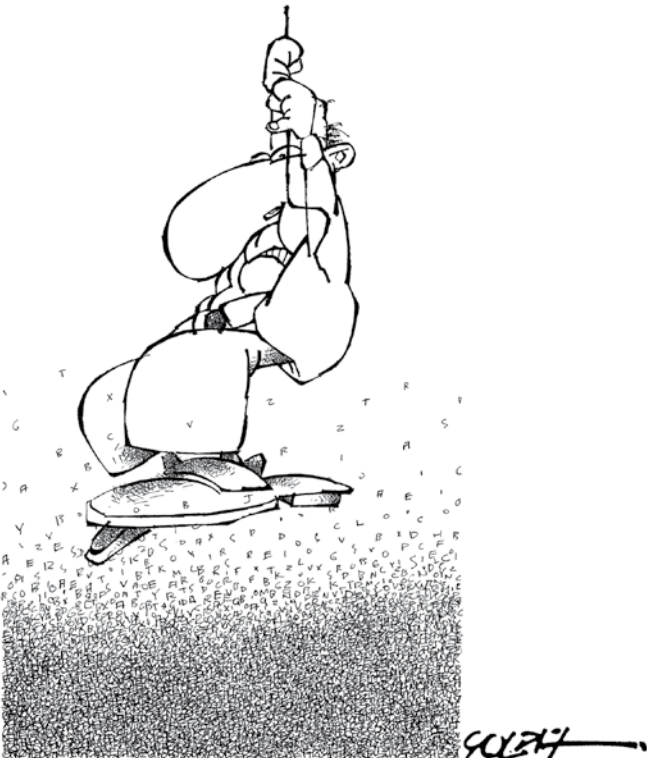
Mas nem todos os leitores de dedicatórias são fiéis. Há aqueles que vendem o livro no sebo, tão logo dobram a primeira esquina. Os exemplos são muitos. Num desses lançamentos, autografei um livro para o jornalista Marcus Prado e, logo depois, o encontrei entre os exemplares velhos e usados de uma livraria do centro. Tão abandonado, o coitado do livro. Comprei-o. Ao encontrar Marcus no *Diário de Pernambuco*, onde trabalhávamos, pedi quinhentos cruzeiros emprestados. Quando já estava com o dinheiro em mãos, disse-lhe que não era um empréstimo, mas o pagamento do livro que ele vendeu com o meu precioso autógrafo.

ENSAIO

Aprenda aqui a fazer um contrabando

De como um grupo de amigos “burlou a lei” e publicou Padre Daniel

Samarone Lima



Parece história de cinema. Um padre de 95 anos, ícone filosófico e intelectual de várias gerações no Recife, tem em casa vários volumes de poemas, que foi escrevendo ao longo da vida. Os poucos amigos que tiveram acesso aos originais tentam convencê-lo a publicar. Tratam os manuscritos como uma preciosidade literária.

De jeito nenhum. Nem pensar. Jamais. O padre não arreda o pé. Mantém o costume de muitos anos. Entrega os escritos à amiga Célia Veloso, bibliotecária aposentada da Faculdade de Direito, que datilografa tudo e manda encadernar. São 14 livros de Filosofia, 13 de Poesia.

Cada exemplar tem um formato de distribuição. Um exemplar fica com o autor, outro com Célia, o terceiro ele dedica a um amigo – sem autorização para publicar. Na primeira página de cada volume, algum aviso do tipo:

“Aos amigos confiáveis, para empréstimo, com espera de devolução”.

Ou:

“A qualquer um: Este exemplar é meu. Por favor, devolva-o, se lhe for emprestado. E desculpe o estilo direto. Afinal, estamos no Brasil. Recife, 17 de dezembro de 1991”.

A pré-estreia

Livraria Cultura, 15 de fevereiro de 2011. O auditório está cheio, para o lançamento do livro *Poemas*, de Daniel Lima. Uma publicação de 400 páginas, editada pela Companhia Editora de Pernambuco (CEPE).

Sentado, na primeira fila, escutando os elogios rasgados à sua obra, Daniel Lima está quietinho como um passarinho que saiu do ninho por algumas horas. Ameaçou não ir, buscou alguma dor que não surgiu, alegou um cansaço inexistente, até que cedeu. Foi, mas ameaçou fazer alguma travessura. Como protesto, não deu entrevistas.

Mas agora está lá, na primeira fila, com seus cabelos brancos e sorriso de menino. Escuta, sorri,

A principal acusação era a de “traição”, mas o que seria da história da Literatura, não fossem certas “traições”?

abençoa a blasfêmia. Sim, os poemas foram finalmente publicados, com prefácio de Lourival Holanda e Zeferino Rocha. Contrariando a lógica do mercado editorial, a obra esgota em poucos dias.

Um detalhe daria mais tempero à publicação. Um pequeno grupo, sob o comando da escritora Luzilá Gonçalves, arquitetou uma espécie de “contrabando poético” dos originais. Só assim, Daniel Lima saiu do ineditismo literário.

“Há meio século Daniel Lima produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Num movimento de atração e repulsão, ele afasta o público enquanto atrai e fascina seus amigos e mais chegados. Por sorte nossa, alguns destes amigos venceram, não sem muito custo, a resistência de Daniel, subtraindo os poemas que formam esta seleção”, diz Lourival Holanda no prefácio.

Lembra também dos excessos da poesia em tempos de velocidade e novas mídias.

“A poesia contemporânea parece sofrer de uma paradoxal fraqueza: a indigência por excesso. Excesso de facilidade dos novos meios – que possibilitam pressa, mais que cuidado, na exposição de sua poética”.

Lourival destaca o estilo solitário de Daniel, que sempre fez questão de “guardar ferozmente” sua independência frente a seitas e confrarias literárias.

“Cada semana a mídia consagra e entrega um grande poeta – para a indiferença e esquecimen-



to da semana seguinte. As rodas literárias fazem e desfazem famas, entre murmúrios e elogios vagos – tudo submetido ao caprichos do mercado, essa lei letal às letras”.

Ao sair da livraria com meu exemplar, li os primeiros poemas e não senti o impacto esperado. Em casa, fui mergulhando na obra e senti a profundidade. Havia mesmo algo vertical, uma espécie de luz própria, única. Precisava contar a história do contrabando.

Eu já tinha ouvido falar do “Padre Daniel Lima” várias vezes, ao longo dos últimos anos. Era quase como uma entidade, uma criatura à parte, como se pertencesse a outra civilização. Um homem cheio de belos manuscritos, mas avaro com o publicar. Que era algo raro e estranho nos dias de hoje – um grande poeta anônimo. Um homem menos do espetáculo e mais da “aventura espiritual”, como lembrava Lourival. Um ser humano com o desafio de “reamarrar mundo e sentido”.

Certa vez, uma amiga me presenteou um CD, onde o escritor Jomard Muniz de Brito, admirador de sua obra, recitava alguns poemas selecionados. Mas era tudo e era pouco.

Parecia que Daniel Lima era um personagem de ficção, envolvendo poetas, críticos literários, romancistas, alguém que não existia de verdade, mas estava num lugar imaginário, guardando seu tesouro para um tempo futuro. Um professor de Filosofia, Latim,

KARINA FREITAS

PROCURA-SE

ROUBO DE ORIGINAIS



Estética, que influenciou muitas gerações, agora fora de cena, apenas aumentando seu baú de poemas e a contemplação da vida.

Cinco dias depois do lançamento, fui à casa de Luzilá Gonçalves, no Poço da Panela. Queria saber os detalhes do bem sucedido contrabando literário e seus desdobramentos.

Ela, que foi sua aluna no curso de Letras da UFPE, recordou de várias histórias envolvendo o amigo, célebre por seu comportamento libertário e travesso, seja dando aulas, seja nas posturas como padre. A definição de Dom Helder Camara resume a personalidade de Daniel:

“Meu padre quase doido e quase gênio”.

Deixemos a vida para depois. Vamos à obra.

Luzilá disse que pediu emprestado os livros *Cançãoeiro tímido*, *Asa*, *abismo e voo*, *Cantos rápidos* e *Quase*. Conseguiu sair com os quatro volumes originais quase sem acreditar. Falou com Leda Alves, presidente da CEPE.

“Consegui”.

Leda Alves conhece o homem há muito tempo. Foi um passo além ao comentário de Dom Helder.

“Meu Deus, Daniel é um gênio, vamos publicá-lo”.

A trama começara a ganhar forma. Luzilá entregou os originais ao chefe do departamento de Ciência da Informação da UFPE, professor Marcus Galindo, que escanenou todo o material e passou para CD.

Quando tudo começava a se encaixar, Luzilá voltou à casa do padre.

Avisou:

“Daniel, estamos fazendo um livro com seus poemas”.

“Não pode! Não dei ordem! Amiga traidora, espiã!”, foi a resposta.

“Daniel, você é padre. Isso é um pecado – avareza”.

O padre reclamou muito.

“Pra que isso?”

“Mas Daniel, você precisa deixar alguma coisa”.

“Eu não quero deixar nada”.

A principal acusação era a de “traição”, mas na história da Literatura, não fossem certas traições, a humanidade teria perdido grandes obras. A conspiração foi adiante, e o livro foi publicado.

Após a conversa com Luzilá, só me restava um desafio – conhecer pessoalmente o padre Daniel Lima. Acertamos uma visita para uma semana depois.

“Foi você, Luzilá!”. Acusação e absolvição.

Chegamos ao apartamento de Célia, no bairro da Torre. Trata-se de uma mulher carinhosa, que há vários anos cuida do amigo Daniel, datilografa suas garatujas com diligência, dessas criaturas que aprenderam desde cedo o verbo cuidar.

Daniel, sentado na sala, com seus chinelos e meias, tinha o livro ao lado. Luzilá me apresentou, e percebi pelo sorriso, que o mais novo autor da CEPE

era na verdade um menino travesso, com vocação para movimentos verticais.

Rapidamente a conversa gira em torno do lançamento.

“Ele queria nada. Como eu fico aqui, botou a culpa toda em Luzilá”, diz Célia.

“Foi você, não foi?”, pergunta Daniel.

“Foi Luzilá”, responde.

Célia não resiste.

“Ele gostou tanto, que vive com o livro nas mãos”.

“Estou vendo se encontro erros”, rebate o padre.

Depois de um silêncio, olha para Luzilá.

“Foi você, Luzilá! Uma pessoa em que eu confiava tanto...”

“Você me deu um livro. Os outros quatro você me emprestou”.

Célia me conta que datilografava tudo quando chegava em casa, após o expediente.

“Ele escrevia, eu ia batendo”.

Luzilá pega o livro, começa a ler um poema. Daniel fica com os olhos bem acesos. É notório que está em festa com a publicação, é um comparsa da própria traição.

“Colhes uma flor sem nome num jardim qualquer, numa tarde como as outras e, no entanto, toda a tua vida se recolhe nesse ato humilde, todo o teu passado se reflete num gesto obscuro,

ENSAIO

DIVULGAÇÃO/ CEPE



PADRE DANIEL LIMA
Durante o lançamento
do seu livro *Poemas*,
publicado pela Cepe,
na Livraria Cultura

e se recapitula tudo o que fizeste
desde os mais remotos tempos em que não existias
senão no desejo de teus avós,
quando eras apenas uma forma vagamente
possível,
um voto de amor não formulado ainda,
talvez nem isto.
Ao colheres uma flor,
a tua vida inteira se refugia neste gesto.
É por isto que a flor estremece”.

Daniel abre um sorriso de menino.
“Não desconfiei nada desta traição”.
Pergunto se ele gostou do livro.
“Gostei”.
“Então estou perdoada”, diz Luzilá.
“Está”, responde.
“O que vinha de editora importante aqui, pedir
os escritos dele... Ele dizia que mandava daqui a
um mês e nada”, diz Célia, que também procura
na Internet algum texto sobre o amigo.
Luzilá passou a ler outros poemas, e o clima de
sarau instalou-se no apartamento de Célia. Levei
uma pequena filmadora e pude registrar a alegria
do novo autor pernambucano.

Entre um poema e outro, fragmentos da vida de
Daniel. O nascimento em Timbaúba. Albertina, a
mãe. Honorina, a irmã de Albertina que o criou.
A vocação para o sacerdócio. A expulsão do Se-
minário de Olinda, os estudos na Paraíba. Os oito
irmãos. A mania de não atender telefonemas, a
não ser através de códigos misteriosos, que pou-
cos amigos tinham acesso. O dia em que estava
atrasado para dar aulas na Faculdade, passou uma
ambulância, ele desmaiou, para pegar carona. Perto
da Faculdade, avisou:

“Pode parar, que já fiquei bom”.
“Agora você vai para o hospital”, respondeu o
motorista da ambulância, e ele perdeu as aulas.
“Ele adorava ser doido”, comenta Célia.
Depois, ela vai lá dentro, em um dos quartos,
e traz um livro encadernado, intitulado *Perdidos e
achados*, de 1991, ainda inédito. Ele imediatamente
pega, como um menino que zela pelos brinquedos,
antes de passar para os amigos.

Já era fim de tarde quando perguntei a Célia se
poderia conhecer o apartamento. Ela me leva ao
quarto dela, me mostra uma estante. Estão lá, vá-
rios volumes encadernados. Originais que poucos
amigos tiveram acesso.
Pego um a um, folheio, vejo as dedicatórias. Há
poesias, textos curtos, anotações, filosofemas. O
sonho de qualquer editor.
Súbito, penso em botar um na bolsa, sorratei-
ramente, e levar um desses originais para ler em
casa. A bolsa, porém, ficou na sala, e mal conheci
o padre. Desisto da ideia.
Passamos ao quarto onde Daniel dorme, tem
suas coisas.

“Ele tem uma casa aqui perto, mas vai lá só de
vez em quando. Está cheia de livros e manuscri-
tos”, diz Célia.
No quarto, em cima de uma cômoda, vejo um
material encadernado, semelhante a uma apostila.
Na capa, o título:
Daniel Lima por ele mesmo – depoimentos e entrevistas.
Organizado e apresentado por Zildo Rocha – 2005.
Pego o material, levo para a sala. Mostro e per-
gunto o que é.
Ele imediatamente puxa para si, olha, folheia.
Desconversa.
“Ele escreveu um estudo sobre Dom Quixote,
um livro. Não sei onde está”, conta Célia.
Enquanto Luzilá lê mais poemas, pego de volta os
depoimentos e entrevistas. Basta ler alguns trechos,
para saber que se trata de um material que envolve
Filosofia, Literatura, reflexões sobre sua vida, sua
jornada pelo mundo. Anoto alguns trechos. São
escritos da alma.
Mais inéditos, publicados sem autorização do
autor.
“Quase assumi a personagem de Cervantes de
um jeito tal que ela se grudou em mim até hoje. Eu
era ele, o ‘cavaleiro dos leões’, o louco varrido que
pensava certo mas agia errado, que melhorava as
coisas piorando tudo, que via numa rude lavadeira
a bela Dulcinéia, sonho e a realidade fundidos e
confundidos, meu herói doido que sonhava que
estava acordado e assim dormido realizava sonhos
tão verdadeiros, os quais não podiam existir senão
na sua cabeça. Então me disse: ‘Ser louco é preciso!
A questão estará na dosagem’”.
Li o texto em voz alta. Ele gosta.
“Qualquer dia vamos na minha casa, para você
conhecer. Tenho muita coisa escrita lá”.
Depois completa:
“De vez em quando vou lá, para reler minhas
coisas. Quero ver se subi ou desci”.
Célia e Luzilá falam da casa, a grande bagunça
do padre Daniel Lima, cheia de originais, repleta
de livros. Certa vez, teve um princípio de incên-
dio, a ação dos bombeiros para apagar foi mais
devastadora que o próprio fogo. Fico imaginando
os tesouros que Daniel tem ainda guardados.
Leio e anoto mais trechos.
“Sim, sou um homem feliz. Tudo vem dando
atribuladamente certo. Não aconteci para fora, estou
acontecendo para dentro. A cada dia sei que subo
a escada que aparentemente vou descendo e vou
me aproximando mais e mais de mim e saindo da
caverna de sombras e figuras para a verdade de mim
mesmo: o encontro esperado desde o primeiro dia”.
Peço a Luzilá que leve emprestado, tenho ganas
de ler todo o material. O lado avaro de Daniel
entra em cena.
“Preciso ler, para ver se tem erros”.
Antes de sair, tenho tempo para anotar mais
um trecho:

“Como Dom Quixote, mais de uma vez deixei
que Rocinante, na encruzilhada, decidisse por
mim nessas jornadas de espantos. Aliás, a filosofia
maior (a que incorporei à minha vida, quando já
na maturidade) me levou a sentir, vivencialmente,
que existir, ser um vivente homem, não se pode
entender sem a insegurança”.
Antes de sairmos, leio um poema, um dos que
mais me tocou, um desses textos que engasga, que
arrebata, ilumina.
“Meu irmão, te verei um dia
despojado de tudo o que não és
desse rosto não teu
das aparências, dos guisos, das mentiras
dos disfarces.
Te verei meu irmão
tão diferente
e desnudo e pequeno
tão tu mesmo e tão outro
e passearemos por galáxias vadias
e céus e infernos longos
e falaremos nada tantas horas
que o tempo se fará de nossas falas.

Te verei meu irmão
mas talvez não me vejas
tão diferente estarei
tão pequeno e desnudo
tão parecido a ti nas vaidades mortas
na humildade do rosto enfim reencontrado”.

No último gesto do encontro, peço a Daniel
que faça uma dedicatória em meu exemplar.
Ele escreve:
“Samarone: Vai aí este livro, que escrevi numa
fase de sono; meio sudorento, mas muito alegre
e feliz, pois aprendi mais um nome difícil, que
decorei para usá-lo em momentos de êxtase. Leia-
-o e esqueça-o antes de gozar qualquer loucura
maior. Do amigo Daniel”.
Por último, a data improvável:
“Recife, 2.980”
Antes de sair, combino retornar na semana
seguinte, para uma visita ao seu reduto, repleto
de originais e livros. Prometo levar um livro meu
de presente.
“Venha sim e traga seu livro”.
É preciso concordar mais uma vez com Lou-
rival.
“Poética clandestina como as festas íntimas.
Resta dar razão a Daniel por resistir ao assédio dos
críticos: em seu jardim interior as orquídeas levam
longo tempo em paz preparando o esplendor de
sua floração”.

Nota: Em junho, o jornalista contará como foi a visita
à casa do padre Daniel Lima.
Samarone Lima é jornalista.

CONCURSO
Cepe
LITERATURA
INFANTIL
E JUVENIL



32 mil
reais em
prêmios

INSCRIÇÕES:

1º de abril a 30 de junho de 2011

REGULAMENTO NO SITE DA CEPE:

www.cepe.com.br



História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



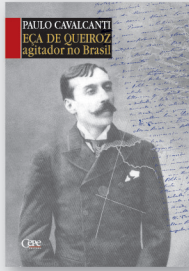
Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz - agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



O GIRASSOL
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

R\$ 40,00



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca

Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

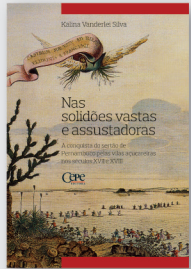
R\$ 30,00



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultivava grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como a época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência, já se perderam.

R\$ 40,00



NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista, pessoas pobres e criminosos recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negroiro.

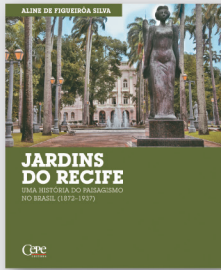
R\$ 30,00



NOS CAMINHOS DO FERRO
Paulo Souto Maior

Paulo Souto Maior destaca o uso do ferro fundido nas construções desde o século 19 e sua popularização após a Revolução Industrial. No Recife, elementos históricos e arquitetônicos identificam edifícios importantes, como o Mercado de São José e outros.

R\$ 58,00



JARDINS DO RECIFE
Aline de Figueirôa Silva

A arquiteta Aline de Figueirôa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista do paisagismo, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

R\$ 35,00



A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1996, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escritos no formato de sextinas.

R\$ 35,00

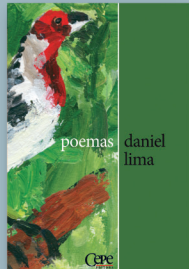
LANÇAMENTOS RECENTES



ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX
Luzilá Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores fundamentais na formação da memória cultural de Pernambuco, dos mais conhecidos, como Frei Caneca, a outros quase ignorados, como Antonio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem à vultos heróicos

R\$ 30,00 (cada)



POEMAS
Daniel Lima

Há meio século Daniel Lima produz uma poesia de qualidade singular, mas que zelosamente subtraía ao olhar do grande público. Agora seus amigos venceram sua resistência em publicar e seu trabalho e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Chico Felitti



DIVULGAÇÃO

Ele só nunca mais voltou

Ele foi comprar cigarros e nunca mais voltou. Como ele não fumava, ele só nunca mais voltou. Desde a mudança para o Brasil, avisou que ia para o casamento da prima, em Santiago, duas semanas depois. Coisa rápida, bate e volta para a nova vida conjugal. Bateu, não voltou, e o impacto quebrou cada andar da minha coluna vertebral.

O amor sobreviveu à distância por um ano e vá lá. Mas não à presença de um mês. Foi morte de bebê. Súbita e sem traumatismo. Nenhuma desilusão, nenhuma briga, nenhum fonema. Nem um telefonema. Nada. Faltou tutano para os dois. O medo fez do tecido poroso e quebradiço. Rebentou sem chance de reparo.

Doeu na osteína, tipo cárie, só que nos 206 dentes encarnados que sustentam o corpo. Em um holofote de tristeza, você se acha o João do Pulo, e que a fratura vai acabar com a carreira do coração. Mas todo o mundo tem fraturas. O mundo, inclusive, é chacoalhado pelas fraturas do que já foi, se ralando uma na outra. Você não é o único moleque da rua Conrado Offa a se lambuzar de

gesso. Seu esqueleto é igual ao do vizinho e ao do cara que te trocou pelo nada. Radiografado, todo amor é igual. Pelo menos, há amor.

E há tempo. Com ele, a geleia de mocotó calcifica em ossobuco. Um dia você está por aí, ereto de novo. Ou quase: aquele punhal de marfim continua para fora. É bom polir pra que não vire um exoesqueleto. Um chifre de narval que machuca quem chega perto. Mas também é bom deixar ele na junta dele, sem muita atenção ao ligamento, para não virar o garoto dos ossos de vidro, numa bolha. Colocando o amor em vitrine, com preço impagável. Não é assim que tem de ser. Fratura faz anticorpo de coração.

Há seis meses a gente voltou a se falar, depois que ato-falhei na internet e caí no blog dele, então aberto há dois dias. Lá, ele ensina a cozinhar como cozinhou para mim: berinjela às cegas, pão de milho, parrilhada. A última receita que li por lá chamava “Cheescake rápido y chico”. Era do meu doce preferido. Só que o Chico não era eu.

SOBRE O AUTOR

Chico Felitti é jornalista e ainda inédito em livro

INÉDITOS

Luzilá Gonçalves

SOBRE A AUTORA

Luzilá Gonçalves publicou
De volt a a Palermo e
Os rios turvos

Olhos de ressaca

O homem falou e de repente, sem que nada o anunciasse, o passado voltou a ser presente, o passado que acreditava esquecido, pretérito, de súbito diante de mim, coisa viva e atuante. Capaz de fazer ressuscitar em nós a alegria um dia existente, de refazer dores da alma, o sofrimento mais uma vez presente, ah tão presente.E, de novo, o que ficou gravado em algum lugar de nossos longes, retorna, retoma o molde antigo, e reconhecemos seu espectro, a forma como agia em nós. Reconhecemos as angústias que foram obsessão por um tempo e que gostaríamos de acreditar mortas.

Ele nos chega sorrateiro, lento. Ou se impõe de um golpe. Um cheiro do perfume de alguém amado, um trecho de canção, outrora ligado a um momento bom de vida, um certo gosto de comida na boca. Um verso, uma frase ouvida, e de pronto já não somos aquele corpo instalado no aqui e agora, prisioneiros da cronologia, mas habitantes de um outro espaço e tempo, ambos com o gosto do desconhecido: pois já não somos quem ouviu a canção, e há muito deixou de existir quem aspirou o perfume.





Inexplicavelmente, somos de novo a criança a quem se fazia comer um bolinho de feijão onde se escondia um fiapo de charque, sabor, surpresa, odor nunca mais experimentado pelo adulto. Somos o adolescente apaixonado, descobrindo a glória de ser amado e de amar, pela primeira vez. E somos o adulto que se deixou atrás, de repente sozinho em meio à estrada, e a quem a vida tantas vezes enganou, apunhalou.

Todas essas coisas me vieram ao espírito ontem, quando o homem entrou no vagão e de repente me lançou aos ouvidos a expressão que eu ouvira anos antes. O homem, um desconhecido, falou. Sem o saber, sem querer, sem nem desconfiar do que poderia conter sua simples frase, talvez um galanteio desajeitado, um jeito de chamar minha atenção para sua figura, banal, corriqueira, apesar das roupas caras, do chapéu. que retirou quando entrou no vagão, do sapato certamente comprado em loja elegante dos Champs Elysées.

O homem se sentara na poltrona a minha frente, depois de um *Bonjour madame* cerimonioso. Respondi, voltei a contemplar a paisagem que passava rápida do outro lado dos vidros.

Era primavera, árvores já carregadas de brotos verde-claro corriam ao lado do trem. Pelo reflexo da vidraça vi os olhos do homem pregados em mim. Notou que eu o via, desviou o olhar. Imaginei que desejou se justificar, os franceses sempre andam se justificando, mesmo quando você não lhes pergunta nada:

– *Excusez-moi, madame.*

Aguardei, sabendo o que diria. Na França ninguém encara ninguém, somos todos mais ou menos invisíveis nas ruas, nas lojas, nos cinemas, e o modo como o homem me olhava, demandava mesmo uma desculpa. Tirou o chapéu, começou:

– *Pardon, madame...*

Esperou um pouco, depois pronunciou as palavras, quase as mesmas, não fosse a diferença dos idiomas. Aguardei. Perguntou, alguém já me havia dito que meus olhos lembravam um mar agitado, quando a ressaca levantava ondas enormes, lambia as pedras, varria a praia?

Olhos de ressaca. Olhos de ressaca foi o que o homem falou. E de súbito o passado se postou diante de mim cinzento., com sua carga de negatividade. Olhos de ressaca me dissera Bentinho, um dia distante, nós apenas adolescentes, ele fixando meus olhos, falando na cor deles, recitando Gonçalves Dias, são uns olhos verdes, verdes, uns olhos da cor do mar, uns olhos cor de esperança, quando o tempo vai bonança. Parou, corrigiu: bonança, não. Ressaca. Não entendi, perguntei:

– Ressaca? Por que ressaca?

E ele:

– Mar violento, traiçoeiro.

– Bentinho! gritei.

Como podia meu companheiro falar em traição, violência, quando só amizade havia entre nós, e isso desde quando ainda balbuciávamos as primeiras palavras e apenas ensaiávamos uns passos trôpegos? Nossas casas eram contíguas, os quintais se tocavam, um portãozinho fora aberto na sebe, para que pudéssemos entrar e sair de um lado a outro, sem que minha mãe nem dona Glória se preocupassem conosco.

Olhos de ressaca. Por delicadeza, sorri ao homem. Nunca poderia ele imaginar o poder da expressão sobre mim, fazendo desaparecer de um golpe os campos de coquelicots, o trigo dourado, a beleza do momento, desorganizando a harmonia do mundo, que eu sorvia em silêncio.

Olhos de ressaca. Por um instante, a tentação, contar ao homem uma parte de minha história, de nossa história, mas temi ser mal julgada. Como explicar a um desconhecido, no final de uma viagem ao cabo da qual nunca mais o veria,

essa coisa enorme, movente, em que se tocam visões do céu e do inferno, separados apenas por uma folha trêmula, uma vida a dois?

Por isso escrevo. O homem nunca lerá as linhas que escreverei. Nem a Bentinho as enviarei. Aliás, mesmo que as enviasse, ele não as leria, Bentinho nunca levou a sério nenhuma frase minha, nem uma expressão que lhe fizesse vislumbrar a existência em mim de algo além de um desejo superficial qualquer, uma impressão qualquer, um “eu gosto disso”, “eu quero isso”. Quando eu tentava lhe fazer ver que se encontrava diante de um ser humano, coisa complexa, indefinível, ele me pedia para não complicar, ser mais direta, mais simples. No começo ainda tentei lhe dizer isto: com o passar dos anos – e sobretudo dos anos ao lado do homem silencioso que ele era, e tornado casmurro pelos anos, – eu viera a descobrir em mim caminhos insabidos, caminhos que levavam a abismos, cavernas, florestas escuras, profundezas marinhas povoadas de monstros abissais. Depois, e durante anos, habituei-me a guardar silenciosa aqueles pensamentos, medos, visões. A aceitar como evidente mas passageira, em algum recanto de meus longes, a presença daquelas florestas, cavernas, abismos. E aprender a não as temer, antes conviver com elas.

Silenciosa, até que um dia aconteceu: alguém aceitou escutar as tímidas e desajeitadas tentativas de penetrar, de descrever essas cavernas, esses abismos. Foi quando Escobar entrou em minha vida. Em nossas vidas.

Escrevo, pois, para dialogar um pouco com esses meus monstros. Para interrogar o passado, preencher, de algum modo, a monotonia da minha existência atual. Imaginar outras vidas possíveis. E também trazer à tona todas aquelas que vivi, vivo, escondidas sob acontecimentos palpáveis, atrás da concretude dos fatos, certamente mais ricas que a banalidade do cotidiano.

Para mergulhar talvez em mim, eu de olhar enigmático. Olhos de ressaca, vá lá..

RESENHAS



HALLINA BELTRÃO

Dorothy Parker ou a gente nunca sabe o que dizer

Livro de contos da autora trazem de volta lembranças de uma certa professora “sem nome”

Schneider Carpeggiani

Meu primeiro contato com Dorothy Parker foi inesquecível. Não que algo estranho tivesse ocorrido, pelo contrário. Nada acontecera e, por isso, talvez, nunca esqueci. Estava na Inglaterra, cursando um daqueles intercâmbios para adolescentes, e a janela da minha sala de aula dava para um cemitério. Piorando a coisa, era inverno (ou seja: a vista do cemitério ficava lúgubre ao quadrado), meus companheiros de turma não eram a coisa mais interessante do mundo e os textos que éramos obrigados a estudar não ajudavam. Mas teve um dia que a professora – gordinha, sardenta e de voz aguda, cujo nome me escapa – levou uma “certa” xérox. A história falava de um cara que acorda com uma ressaca mostra e não se lembra bem do que havia feito na noite passada. Sabia que algo errado acontecera, mas exatamente o quê? Ao seu lado, uma inimiga disfarçada de amiga

ou ex-amante (não fica claro o papel dessa personagem na trama, apenas que sua identidade é dúbia), fazia questão de lembrar todos os vexames cometidos, mas sempre seguidos por um “Mas você estava ótimo”. Na historinha, por trás do humor engraçadinho e banal, era possível visualizar alguns coágulos: corria ali solidão, um jogo sadomasoquista, excessos e abandono emocional. Não entendi muito bem todas as camadas da trama na primeira leitura. Mas guardei uma certeza: aquele não parecia um texto voltado para adolescentes com tédio, que pensavam apenas em como driblar a lei e encher a cara de tequila até o começo da madrugada. Não, eles (no caso: nós) não tinham biografia necessária para tanto. Lembro que discutimos a trama sem muito interesse, enrolando os minutos até que a sineta soasse. Por precaução, guardei aquela xérox comigo. E a reli durante vários anos.

Esse foi meu primeiro contato com Dorothy Parker e agradeço àquela professora que não lembro mais o nome pela apresentação. Até hoje me pergunto o que ela quis dizer nos entregando aquela história. Foi proposital? Penso que sim. Ela, assim como as personagens de Dorothy, parecia uma mulher que se escondia atrás de várias membranas protetoras. Não sei mais explicar o porquê, mas parecia. No meio do curso, ela precisou ser substituída por algumas semanas, porque seu apartamento se incendiara. Morava sozinha. Ao retomar as atividades, lembro que não houve qualquer comentário sobre a tragédia. Estrangeiro, fiquei na dúvida se não seria de “bom tom” dizer que sentia muito pelo ocorrido. Fora de casa, a gente nunca sabe bem o que dizer. Dorothy iria além: em qualquer circunstância, a gente engole o necessário e se salva com ironias, silêncio ou pela espinhosa

educação de um “Mas você estava ótimo”. Já comprei umas três coletâneas de Dorothy Parker, mas elas foram fugindo da minha estante. Mês passado, reencontrei Dorothy Parker numa edição de bolso da Penguin, *The Sexes*. Aqui correm os mesmos temas daquele conto que li pela primeira vez. Espero que esse livro também não suma. A tal xérox guardo até hoje.



CONTOS

The Sexes
Autora – Dorothy Parker
Editora – Penguin
Preço – US\$ 2
Páginas – 96

Mariza
Pontes

NOTAS
DE RODAPÉ

FESTIVAL

Cenário da Pedra do Reino recebe cavalgada que relembra episódio descrito por Ariano Suassuna

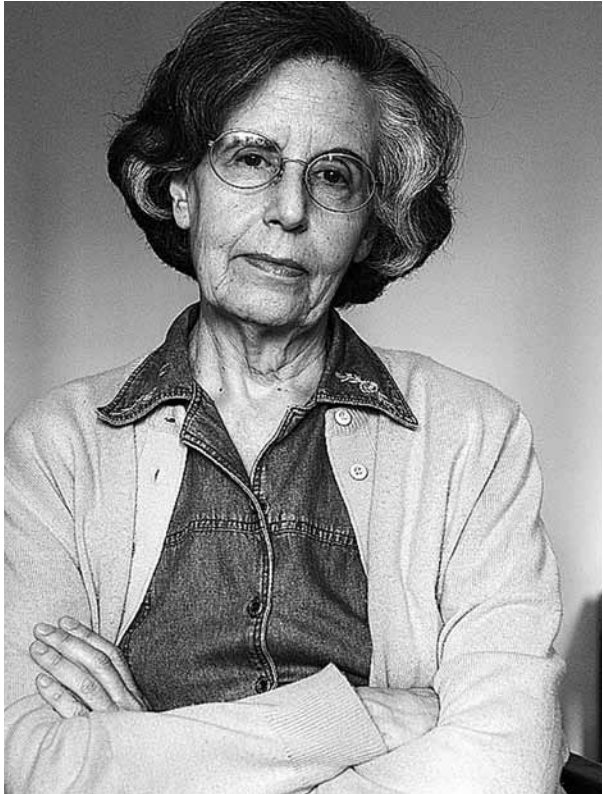
A Cavalgada à Pedra do Reino (foto), inspirada no romance de Ariano Suassuna, é a principal atração do Festival Pernambuco Nação Cultural – Sertão Central, no dia 29, em São José do Belmonte. Este ano o festival passa a ser descentralizado, levando shows, exposições, lançamento de livros e outras atrações, de 24 a 30 de maio, a vários municípios sertanejos. O ritual

da cavalgada foi criado para rememorar o episódio em que tropas militares combateram os defensores do rei português Dom Sebastião: cavaleiros fantasiados de vaqueiros ou cangaceiros e armados de lanças, percorrem 30km até o cenário onde se deu o massacre dos sebastianistas. A participação de Ariano na cavalgada, em 1995, fez crescer a fama do evento.

DIVULGAÇÃO



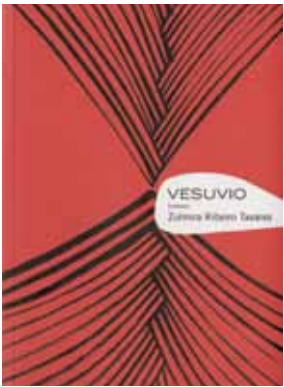
BEL PEDROSA/ DIVULGAÇÃO



Ficção para *voyeurs*

Numa entrevista que fiz com a escritora Zulmira Ribeiro Tavares, ela negou que sua poesia fosse fruto da obsessão de um *voyeur*. Preferiu se definir como “observadora”. Não concordo. O preciosismo de detalhes presente em *Vesuvio*, seu primeiro trabalho só de poemas é quase “patológico”. Essa paulista transformou supostas banalidades e material antipoético num dos grandes lançamentos deste ano. “E, ainda, se vamos perdendo a água que nos deixava luminosos como sinaleiras, como elas atentos e úteis – isso ainda não é sério. Podemos avançar nas perdas”, aponta em *A mancha da cor*. Mais adiante destaca a presença de “Um poema escondido atrás de caixas/ como ratos espreitando por baixo de fogões. É um poema, e o seu pelo docemente cai”,

como se procurasse a inspiração até nos cantos das paredes. Na orelha, Wilma Arêas comenta: “Zulmira quer cutucar fera com vara curta, provocar fantasmas, roer fechos convencionais, lugares-comuns ou a beleza consensual (aliás, há poemas escondidos como ratos)”. **(S.C.)**



POESIA

<i>Vesuvio</i>
Autora - Zulmira Ribeiro Tavares
Editora - Companhia das Letras
Preço - R\$ 33
Páginas -96

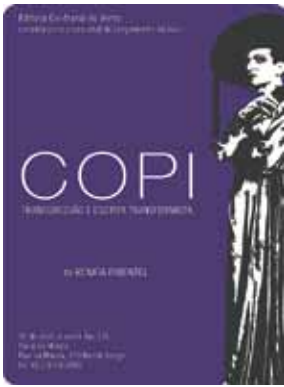
DIVULGAÇÃO



Poesia é quintal do mundo

O nome do argentino Copi é pouquíssimo conhecido no Brasil. Sua obra, que passa dos contos aos quadrinhos, trouxe um olhar *sui generis* para a discussão da Literatura no Continente, sobretudo pela ousadia no que se referia ao rompimento de barreiras políticas e de preconceitos. Seu olhar cutucava ícones da história do seu país, como ditadores e Evita Perón (foto). “Ele, fatalmente, pelo caminho da margem e da subversão (da antinorma) insere-se, como um fantasma que cutuca a tradição e nela se insere; como um crítico mordaz das instituições. E também, porque insere o discurso da tradição, dos cânones, das normas em sua obra para exagerá-los ao ponto de criar novos paradigmas para essa mesma tradição”, observa

Renata Pimentel, pesquisadora que publica agora o estudo *Copi – Transgressão e escrita transformista*, fruto da sua tese de doutorado. Como a obra do argentino estava esgotada por aqui, esse trabalho é uma rara chance para o leitor brasileiro entrar em contato com seu legado. **(S.C.)**



ENSAIO

<i>Copi</i>
Autora - Renata Pimentel
Editores - Cosac Naify e 7 Letras
Preço - R\$32
Páginas - 87

PRATELEIRA

O JORNALISTA E O ASSASSINO (EDIÇÃO DE BOLSO) - UMA QUESTÃO ÉTICA

Originalmente lançado em 1990, o livro ganhou edição de bolso. A obra trata de temas polêmicos, como a relação entre jornalismo e poder, a ética jornalística e a liberdade de imprensa, ao expor um caso de grande repercussão nos Estados Unidos, quando um médico condenado pela morte da mulher e duas filhas moveu processo contra o jornalista que escreveu um livro sobre ele, baseado em entrevistas feitas durante o julgamento e na prisão.



Autora: Janet Malcom
Editora: Cia das Letras
Páginas: 176
Preço: R\$ 21

TEMAS PARA A DANÇA BRASILEIRA

Quinze ensaios compõem esta obra, que analisa desde o surgimento da crítica especializada no Brasil e a falta de leis de incentivo e políticas públicas até o reconhecimento da arte como elemento da Economia, reunindo pesquisas acadêmicas e experiências de produtores e artistas. O livro levanta questões fundamentais para o entendimento da cultura contemporânea e aponta os cenários possíveis para o futuro da dança, além de sugerir reflexões sobre as relações entre o corpo e o fazer artístico.



Autor: Sigrid Nora
Editora: Edições Sesc SP
Páginas: 344
Preço: R\$ 58

HINOS HOMÉRICOS

Edição bilíngue (grego-português) de 33 poemas atribuídos a Homero, dedicados a 22 divindades gregas, o livro aborda aspectos da Mitologia, Religião, Língua, Literatura e Antropologia da Grécia Antiga. Pesquisas apontam que os hinos sagrados eram recitados pelos rapsodos, que viajavam pelo país: eles contam histórias sagradas e relatam costumes antigos, ligados a aspectos fundamentais do ser humano arraigados no inconsciente coletivo.



Autor: Wilson Alves Ribeiro Jr. (organizador)
Editores: Unesp
Páginas: 574
Preço: R\$ 79

TODO TERRORISTA É SENTIMENTAL

Jornalista carioca estreante na Literatura, o autor escolheu a década de 1990 como pano de fundo da ação de dois amigos brasileiros cansados de conviver com a impunidade, que criam o Comando Terrorista Anticorrupção com a ideia de combater os políticos que se utilizam de seus cargos públicos para enriquecer ilegalmente. A vizinhança com um jovem basco e a entrada de uma bela garota no grupo leva a consequências inesperadas e perigosas. O livro mistura política, cultura e um toque de rebeldia.



Autor: Márcio Menezes
Editores: Record
Páginas: 236
Preço: R\$ 42,90

LIVRO DIGITAL

De documentos milenares a fotos da lua na BMD

A Biblioteca Mundial Digital, da Unesco, tem documentos patri-moniais da cultura universal, em árabe, chinês, inglês, francês, russo, espanhol e português. Do México, há códigos pré-colombianos e os primeiros mapas da América. O Japão tem o *Hyakumanto darani*, de 764, considerado o primeiro texto impresso da História. Da Suécia tem a *Bíblia do diabo*, do século 13. Para acessar é só teclar www.wdl.org.

CONCURSO CEPE 1

Cepe concederá 32 mil reais em prêmios em 2011

Estão abertas, até 30 de junho, as inscrições ao *II Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil*, que vai conceder R\$ 32 mil em prêmios: R\$ 8 mil para o primeiro colocado de cada categoria, R\$ 5 mil para o segundo e R\$ 3 mil para o terceiro. Os livros devem ser destinados a leitores de seis a dez anos (Infantil) ou de 11 a 16 anos (Juvenil). O regulamento está disponível no site www.cepe.com.br.

CONCURSO CEPE 2

Vencedores de 2010 serão publicados neste semestre

No ano passado, 435 obras foram inscritas no primeiro concurso. Entre os vencedores, estão escritores de Pernambuco, Paraíba, Brasília, São Paulo e Santa Catarina. Além dos seis classificados nas duas categorias, foram concedidas Menções Honrosas a sete concorrentes. A Cepe Editora vai publicar todas as classificadas neste primeiro semestre de 2011.

FICÇÃO

Ivana Arruda Leite

Etiqueta emocional

1. QUER ME VER?

Estava eu num domingo à tarde tomando cerveja na casa do meu amigo João Batista (lembra dele?) quando toca o celular. Eu atendo. Eu sempre atendo. “Quer me ver?”, foi a pergunta do outro lado. Voz de homem. E não era um “quer me ver” docinho. Aquilo era praticamente uma intimação policial. “Quer me ver?” Céus... reconheci a voz. O cara desapareceu há um ano e agora, às 17h30 desse domingo maravilhoso, me liga e, sem nem perguntar se eu estava bem, o que eu andava fazendo, se eu tinha compromisso para logo mais, se eu ainda me lembrava dele, dispara a pergunta: quer me ver?

Eu ainda tentei entabular um papo decente: olha, estou na casa de um amigo, me liga amanhã, tudo bem com você? Mas quem disse que ele me ouvia? Ficava repetindo a pergunta feito um papagaio: “quer me ver?”. Alto lá, as coisas não são bem assim. O *cowboy* abre a porta, para no meio do *saloon*, mostra o revólver na cartucheira, olha pra mocinha sentada à sua frente e dispara: quer subir na minha garupa, *baby*? Onde estamos?

Partindo do princípio de que sujeito é quem pratica a ação, me responde: quem ligou pra quem? Quem estava querendo ver quem? Logo, o sujeito da frase não era eu, mas ele. O correto seria dizer “eu quero te ver”, concordam? Mas não, ele preferiu jogar o abacaxi nas minhas mãos. Se eu fosse encontrá-lo é porque eu queria vê-lo.

Dizem que pretensão e água benta não fazem mal a ninguém, mas a pretensão masculina, muitas vezes, beira o ridículo. Sou até capaz de ver a cena: domingo à tarde, o cara sozinho em casa, festa de encerramento das Olimpíadas, copinho de cerveja na mão, por que não?

Sim, claro! Abriu a agenda e ligou. O que de melhor eu teria para fazer numa tarde linda como aquela do que ir correndo ao seu encontro?

Pois a história não terminou aí. Às 9h da noite, ele ligou de novo.

“Você ainda está na rua? Quer me ver?”. Aí eu desliguei sem nem responder.

Cá entre nós, mesmo se ele tivesse dito “tô morto de saudade, quero te ver” eu não iria. Nossos encontros não foram lá grande coisa, mas pelo menos ele teria passado para a história como alguém mais razoável

2. O JANTAR

Há um ano não nos víamos, não tenho lhe dado brecha ultimamente, mas ontem à tarde, quando ele ligou para o escritório, percebeu que tinha chance.

- O que você vai fazer à noite?
- Nada, venha jantar comigo.

Meia hora antes do combinado, ele tocou a campainha com um pirex na mão.

- Fiz pra você. Torta de camarão.

Eu pus de lado.

- Vamos comer o picadinho que eu fiz.

A torta eu como amanhã.

Numa sacola de plástico, trouxe três latinhas de cerveja. Peguei uma garrafa de vinho já aberta.

- Prefiro vinho, você bebe a sua cerveja.

Também trouxe Otelo, um boxer imenso que atravessou a sala e a conversa o tempo todo.

- Você se lembrava dele? Na última vez, ele era um bebezinho, está fazendo um ano.

Depois do jantar, conversamos numa boa, sobre nada. Quando me calei e comecei a bocejar, ele se levantou dizendo:

- Volto daqui a um ano.
- Pode me ligar no Natal, eu lhe disse.

Ele me xingou de filha da puta e foi embora dizendo que me ama e me amará para sempre. Eu fiz o mesmo. Hoje passei o dia com o celular desligado. Pra ele, às vezes, o Natal é no dia seguinte.

SOBRE A AUTORA

Ivana Arruda Leite é autora de *Falo de mulher* e *Alameda Santos*, entre outros títulos